



**CANCIONEIRO
DITO “DOS
DITOS REAIS
NAS TERRAS
JUNTAS”**

**Cancioneiro dito
“dos ditos reais nas
Terras juntas”**

Índice

6 <i>Do Farol e das Deixas que um Rei Deixou</i>	71 <i>♪ Adeus ó Sebastião</i>
10 <i>Dos anos novos, a cada ano</i>	78 <i>Da voz Gravada que é Memória</i>
14 <i>Dos Santos que se juntam</i>	79 <i>Dos que cantam primeiro, nas Noites Primeiras</i>
18 <i>Dos que juntam sem Santos</i>	82 <i>Das Vozes da Cozinha e da Fritura como Ofício</i>
22 <i>Do que ninguém leva a mal</i>	84 <i>Do que se escuta mesmo sem querer</i>
26 <i>Da Bâcora aos Berrões e até à Porca que se irá recuperar</i>	86 <i>Da Volta do Peixe e de quem o anuncia</i>
36 <i>♪ Nevoeiro</i>	89 <i>Do Eucalipto de Pinheiro e do que escuta por dentro</i>
40 <i>♪ O Cão do Sebastião</i>	91 <i>Do Comboio que Levou o Segredo do Leite</i>
45 <i>♪ Canção das Alcinhas</i>	94 <i>Das Romarias em Tempo de Secura</i>
49 <i>♪ Quem quer casar com o Sebastião?</i>	96 <i>Do Forno Comunitário de Beijós e do pão que se ouve</i>
53 <i>♪ Volta às Terras Carregalenses</i>	99 <i>Dos Caminhos, Rios e Vozes do Carregal do Sal</i>
57 <i>♪ Entrudo Borralhudo</i>	102 <i>Posfácio</i>
60 <i>♪ Canção da Alma</i>	
64 <i>♪ Joga</i>	
67 <i>♪ A Porca É Nossa</i>	



Do Farol e das Deixas que um Rei Deixou

“Pasme-se e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, algures de agora, quando eu me for, até ao dia em que voltar, nas Terras que serão Carregal, haja um Farol e alguém para dele alumiar.

Assim se faça.”

— *Verbete 1º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Era D. Sebastião novinho quando, tendo que atravessar o Mondego, ali nos limites das terras de Currelos, abeirado que estava de Midões, se viu perdido em nevoeiro e se assustou. Muito. Jurou que nunca mais andaria perdido no nevoeiro e contam alguns que está, por isso mesmo, ainda, algures entre África e Portugal.

Para atravessar o gigante que desagua para lá de Coimbra, antes dos tempos que se tratará, ia-se de barco, descendo a arriba de um lado, para a subir do outro, com o que fosse que se acartava nas costas próprias ou de terceiros. De barco, barca, jangada, tronco reboludo ou besta com alforges (mais para o Verão). O suporte flutuante, movido à vara ou à corda, puxada e “enretesada” [rete-sada, pois...] de margem a margem, a que se agarrar e seguir, antes dos passadiços que são moda, agora.

“Antes de qualquer coisa houve coisa igual. Assim se sabe, em Terras do Carregal”, poderia ser que alguém dissesse.

Nesse mesmo lugar do medo do pequenito Sebastião, há uma ponte grande, que se diz um dia ter sido lugar de outra ponte, lá pelos idos do ano em que os Romanos destruíram o Templo de Salomão. A ponte é de pedra e os pontos onde assenta, a cada lado, também,

pelo que combinam e se nutrem de simpatia mútua, as três alusões. No dia em que se inaugurou a dita, em 1971, ficou famosa a abertura¹:

AVE, CAESAR, VICTURI, PONTE FAVENTE, TE SALUTANT! (...)

Fui convidado para vir à frente da tribuna, ou pro rostris, dizer algumas palavras, mesmo invicta Minerva, sem dotes oratórios, sem ore rotundo, que a natureza me negou, descrente da Institutio Oratoria de Quintiliano. E a emoção deste ditoso dia embarga-me a voz.

Contudo, mais eloquente do que a minha arenga é a presença de tantas pessoas, sobretudo da plebe humilde, vulgus ignobile et sine nomine, que, neste dia festivo, quizeram vir a este local testemunhar (...).

Ainda hoje, vulgus ignobile et sine nomine, em dias festivos, se juntam pela ponte, atravessando-a, se calhar a isso. Entre as bifanas de um lado e os bombos do outro. Particularmente se as Cruzes se encontram, a meio de lugar comum. Tanta gente que, se calha a chegar ao sítio, apenas vinte minutos antes da hora marcada, terão de estacionar na berma e bem longe, que a berma próxima é estreita para tanta gente e tanta viatura. Curioso sendo que não atravessa viatura a ponte, em dia de ajuntamento de gentes.

A cada entrada do tabuleiro único, uma igual e granítica afirmação: “PONTE ENGENHEIRO RUI SANCHES / MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS E DAS COMUNICAÇÕES / CONSTRUÍDA PELOS MUNICÍPIOS DE TÁBUA E CARREGAL DO SAL / COM PARTICIPAÇÃO DO M.O.P.”, do outro lado — este é um dos — a inauguração que se fez e por quem, no dia de Santo António do referido 1971².

Esta ponte e, assim, se continua, tinha nome antes de o ser, oficial. A Ponte do Enguiço, que cantavam gentes — vulgus — ante sua eminência parda (é da cor do ecrã e da captura, no tempo do Preto e Branco) o Presidente da República:

¹Discurso de Nicolau Firmino, presidente da freguesia de Póvoa de Midões, por ocasião da inauguração da ‘Ponte Engenheiro Rui Sanches’ que liga aquela freguesia e a freguesia de Currelos.” [Acedido a 08/04/2024, em www.arquivo.museu.presidencia.pt/viewer?id=69358] ²“Inauguração da Ponte Engenheiro Rui Sanches e Pousada de Santa Bárbara” [Acedido a 08/04/2024, em <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/inauguracao-da-ponte-engenheiro-rui-sanches-e-pousada-de-santa-barbara/>]

Somos todos de Currelos,
temos muito prazer nisso,
agora já temos ponte,
já se acabou o enguiço.
Esta ponte do Mondego,
há tanto tão cobiçada,
já nos basta o sossego,
deve ser admirada.
Senhor Ministro obrigado,
por nos ter dado atenção,
em se ter realizado,
a ponte do Caldeirão.
Pelo que pôde fazer,
com tanto penhor e zelo,
há também que agradecer,
ao nosso Doutor Capelo.

E gira...

Mas começou-se pelo Farol. Um farol necessita de faroleiro. O que cuida e garante luz. O que cuida e garante aviso. O que dá conta da proximidade de terra, aos que sobre água. O faroleiro é uma espécie de noticiador.

Mestria avançada, antes ainda do tempo do digital, foi o Farol "deixado em Deixa" por D. Sebastião, convertido em existência concreta, quando, após anos de trânsito garantido, numa outra via, sobre carris, se manteve o responsável como Hermes, guiando de um lado para outro, por via das mensagens que competia fazer públicas. Um Farol na Beira! Lá está, onde se precise de acompanhamento ao nevoeiro. Que jeito teria Sebastião achado dele!

Nestas linhas se começa o CANCIONEIRO, com canção e cançoneta, para de antes de Vilas, se falar de quem as mantém. Hoje.

³Fundado, gerido e mantido, o Farol da Nossa Terra, pelo Sr. Lino Ferreira Dias, antigo Chefe de Estação, na CP - Comboios de Portugal.



Dos anos novos, a cada ano

“Pasme-se e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, um dia, quando for possível, antes mesmo de regressar, haja miniatura com magia de mover, de tudo quanto se faz, por Terras que serão Carregal. Mesmo até de Padeira, que à de Aljubarrota possa ajuntar. Assim se faça.”

— *Verbete 2º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

O D. Sebastião que se conhece da História tinha veia de temerário. Nem se lhe acusava tẽmpera, nem lhe assistia modẽstia ou ponderaçã. Foi-se e o sumiço lhe aconchegou a memõria.

Já se disse que foi por via do nevoeiro, de que tinha tanto medo que nem aparece, com ou sem cavalo. Ainda hoje. Tudo porque congeminam os povos que só virá em manhã de nevoeiro e isso, a ele, não garante salvaguarda.

Aconteceu assim, de saber isso, junto a onde há ponte. Em Currelos, Carregal.

A cada ano — por isso se deu título — diz quem sabe, que sucede um novo ano. Alguns dizem que não. Como a terra ser plana e girar tontinha de um lado para o outro, no centro da existẽncia dos planetas. Ou tontinha a Terra, ou o Sol (que gira) como os tontinhos que não sabem explicar como andaria o Sol em terra plana, de lado e abaixo e arriba, tudo ali, gerando estações e noite a que sucede o dia.

Os que negam tal coisa, ficam mais sensíveis por épocas Festivas.

Como se o mundo fosse sempre o mesmo, com obrigações de retórica aos outros. Ahhh tu acreditas que agora vem Natal!? Pois Santo nos seja. E giram. Sobre si mesmos.

Aos que não negam e lá se vão desencrencando com a ideia de o Mundo ter mais Mundos no Universo, podem bem com a mudança, pois tudo muda e isso é mais que menos bom. Quando se está ali, quase-quase-quase, inverno à porta, cheirando a rabanadas e filhoses, sonhos, bolo-rei, dá-se nota de que as despensas se esperam compostas e as almas agradadas.

A estes, que não negam, provém encanto extra de pespegar nas ruas e nos largos o que se puder garantir de partilha. Um dia, como sempre há um, começou a criar-se o presépio de Vila Meã, como outros que há, todos presépios, no que são todos parte do mesmo e de igual valor.

Em Vila Meã, a melhor das terras para janelas variadas, das com e sem vidro às pintadas, que são tão próprias que vale a vista delas, foi-se assomando, como se deixado por alguém há muito tempo atrás, o propósito de fazer um pequeno Mundo. Começou em casa⁴, continuou por fora, foi sendo instalado só, passou a com ajuda. A área edificada do Presépio de Vila Meã, ultrapassa em muito a capacidade de contabilização de IMI's, pelo que ninguém se chega para avaliar imposto: “Não tem piscina, que se deixe estar”.

Só isso lhe falta.

Na envolvente do mundinho, onde se leria o Príncipezinho sem destoar, juntam-se durante e depois da estação chegar e antes e depois do ano mudar, as faturas e agruras. Queimando o tronco robusto que arde até mais não poder. Cantando e juntando mesa, até mãos e garganta aquecer. Num ano, jura-se que alguém ouviu, colunas postas em fila, Zeca Afonso, de soslaio, quase sem se dar por ele, falando de cor, como se fosse do Carregal, também: “Vamos cantar as Janeiras / Vamos cantar as Janeiras / Por esses quintais adentro, vamos / Às raparigas solteiras / Por esses quintais adentro, vamos / Às raparigas solteiras”. Ouçam o resto do “Natal dos Simples”⁵. Não dos pobres de espírito. Não é isso que

⁴ Da autoria e vontade do Sr. José António Ribeiro.

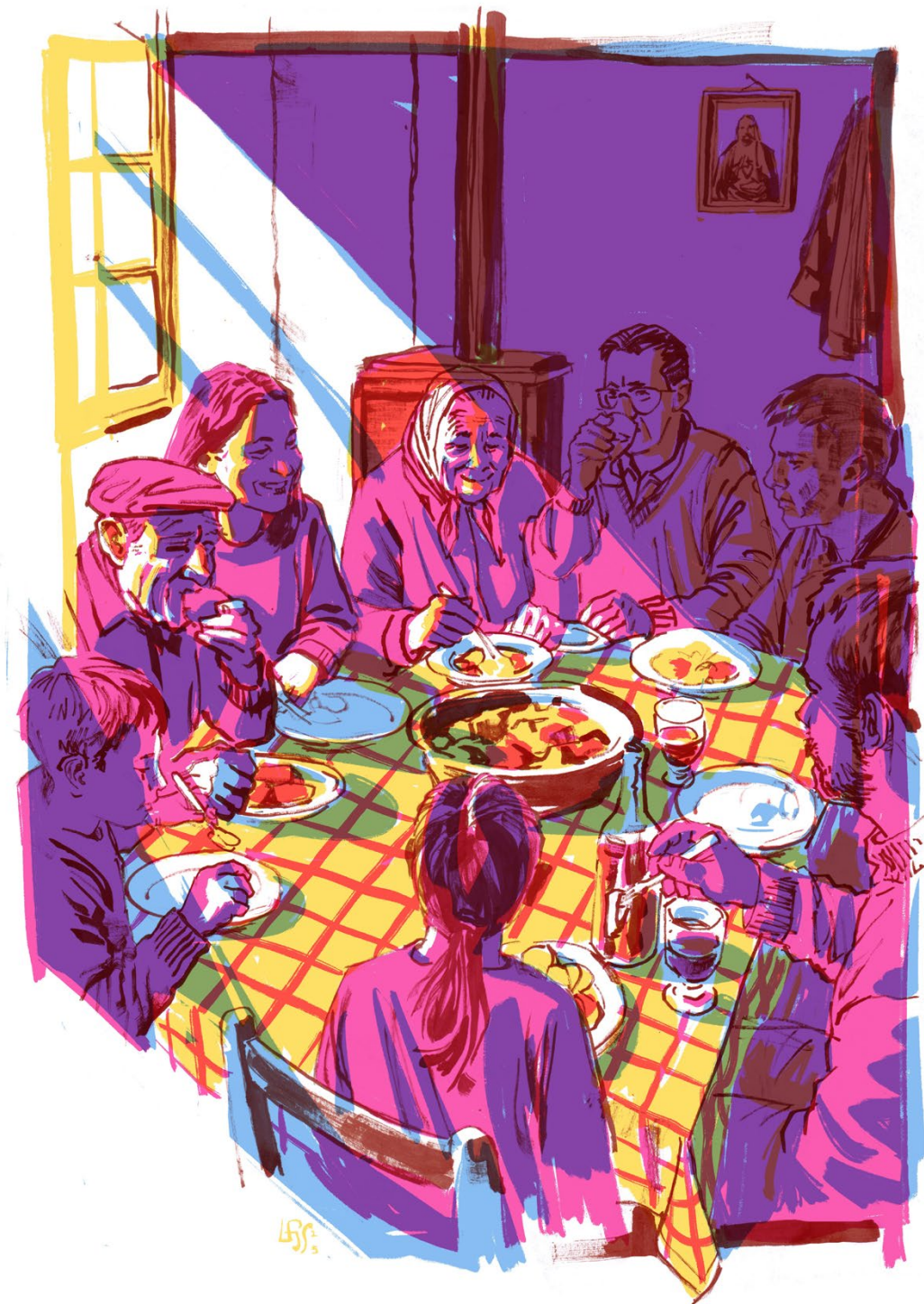
⁵ Natal dos Simples. José Afonso [Zeca Afonso]. Orfeu, 1968.

implica. Antes dos que sabem onde pára o importante. É simples, por oposição a complexo. "Muita neve cai na serra / Muita neve cai na serra / Só se lembra dos caminhos velhos / Quem tem saudades da terra / Só se lembra dos caminhos velhos / Quem tem saudades da terra".

E quem não? Nas noites de Cantar Janeiras. De Cantar de Reis. De Cantar porque cantar faz parte e faz falta e faz forte a gente, porque o rei é fraco, por vezes, só às vezes. "Quem tem a candeia acesa / Quem tem a candeia acesa / Rabanadas, pão e vinho novo / Matava a fome à pobreza / Rabanadas, pão e vinho novo / Matava a fome à pobreza". É preciso que se diga, abono agora de uma verdade que não é igual para todos, houve que matar fome à pobreza. Tanta de tantas maneiras.

Se estiverem pelo Carregal, em qualquer dos seus Cinco Reinos, que quase o são, prestem-se a ouvir cantar, num dia de fim ou início de ano e terão a certeza de que se mata o que se pode, das pobrezaas que espreitam. Fica sempre qualquer uma, a saltar à vista, como em qualquer outra parte do mundo, mas como o presépio de Vila Meã: faz-se mais a cada ano. Pelas pessoas que o fazem.

(...) Oh, que Boas Festas / nós viemos dar / a este Senhor / se as aceitar!



Dos Santos que se juntam

“Pasme-se e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, não haverá Santos sem Cantos ou Toque, alguns até com Leilão. Que haja também que beber e espeto Vegetal ou de Leitão.

Assim se faça, no que se possa.”

— *Verbete 3º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Os retratos de D. Sebastião, perdem-se na comparação com os do homónimo de Narbona, santificado, com direito a afastar Peste e Maleitas, nas cidades e ajuntamentos de gente. Sabia disto El’Rel que se quis, por isso, fazer pintar com seu cão. Gaba-se-lhe, ao que perdeu a espada de Afonso Henriques, ter retratista de Instagram, apes temps. O retrato, este em que se pensa, está no Museu Nacional de Arte Antiga⁶.

O Santo celebra-se a 20 de Janeiro. A perda de independência, não se celebra.

Pela independência ou paciência para levar adiante a festa, do Santo e de qualquer Santo, com todo o respeito, no “qualquer”, urge ter Mordomia. Coisa curiosa no facto, que muitos lêem de forma enviesada, é o haver Mordomia para atribuir louvor. Tudo nos antípodas das mordomias que alguns conjuram merecer. Os Mordomos e Mordomas, cada com sua regra e preceito, levam a cumprimento de forma, quanto ao que se considera valer para o serviço à comunidade. Mordomia é trabalho e sacrifício. É gasto.

O ano tem-nas — às Mordomias — em número tão elevado quanto

a variedade de lugares e crenças, por acontecimentos ou promessas. Logo desde o Janeiro primeiro. Frequentemente com água envolvida e dedos gelados.

Também em Janeiro de Sebastião, Santo; Amaro, Santo. Este último, com lendas e descrições variadas, é mais próprio dos que sofrem de dores e fraturas dos membros superiores e inferiores, bem como — em alguns lugares — exímio na resolução de padecimentos animais ou na proteção contra tais situações. Não é o caso, em Carregal, mas na Madeira se “finda” e arruma o Natal, com Santo Amaro, pelo 15 de Janeiro.

Santo Amaro tem, entre outras, uma Póvoa, em Parada. Terras com Póvoas são terras que se há de visitar. Tarde, ou antes disso. Esta Póvoa de Santo Amaro, tem Capela e largo. Com Coreto. Tem, no dia em que se celebre o Santo, esforço da Mordomia por garantir comes, bebes e toques de Filarmónica, cada vez mais nova, cada vez mais ensaiada. Coreografada. Tem ainda... Leilão. Sandes e Leilão. Finda a missa, na capela, sobe-se ao coreto e vai de receber lances, após pregão apelativo. Bolo torto pelo caminho, no tabuleiro de madeira enfeitado com pão e simpatia. Outros, pães, à quinta-feira, correndo Cabanas de Viriato, pela mão e nome de D. Palmira. No ano inteiro.

Uns melhores, uns piores, anos há em que roda lote com lote, de garrafa com chouriça abraçada ao gargalo. “As maiores são as primeiras. Não digam que não avisei”. Tinha avisado, sim senhor, que o Leiloeiro é sério e a hasta longa. Vinho branco e chouriça no gargalo. Uma garrafa, duas, quinze? A meio do meio, sai o desafio de uma encomenda. Lote mistério, com caixa que se abana e ninguém alvitra pelo conteúdo. Não se sabe. Não se reconhece. Dá-se pelo rebate, oferecendo às dezenas. Nada apela mais que o mistério. É para o Santo. É para os que estão ali. É para os que oferecem.

Os autocolantes amarelos, ao peito, dos Mordomos e Mordomas, cruzam o Largo, caixa entregue. Que nos previna um pulso ou um pé; um tornozelo ou cotovelo, de embaciar e quebrar. Onde fica a caixa do Mundo que se quer oferecer?

Na Póvoa, o verde de Janeiro é mais seu que de outro lugar. Como de Parada é o céu mais céu. Carregal tem em si os tapetes de nuvens de fim-de-dia, invejando os passantes com o que está. Nas casas

⁶ Retrato de D. Sebastião. Cristóvão de Morais (atribuído a). C. 1571-1574.

que a vida e as vidas um dia deixaram, encontram, se a procura for séria, o retimbar do azulejo. A arte de fazer durar, no vidro e na cor, o dito de ser vizinho, ouvido de outros, visto assim.

Seja Bem Vindo / Quem Vier / Por Bem
Sejas Bem Vindo / Se És Deveras / Meu Amigo
O Falso Amigo / É o Pior / dos Inimigos
Assim se Paga o Bem [Caricatura da Mula "escoiceante", que carrega o que o Campino lhe encafuou às Costas...]

Mas um deles, um só, mais que outros, esbeçado e mutilado, pelo tempo ou pela pedra solta que algum catraio lhe tenha atirado (?), parece que sente os olhares e revida com força. Aquele diz algo. Aquele não foi à Festa. Aquele é de quem sentia a Festa. Azulejos são Mordomos também?

ESTE É / O MEU / MUNDO

Se o encontrarmos e em dois segundos se trocar um olhar, cumprimentos. Ficamos, dizia-se, com a certeza de que é mesmo. O seu mundo. O nosso também, se calhar.



Dos que juntam sem Santos

“Pasme-se e faça-se pasmar.

*Deixo por dito e mandado que, não haverá Santos a toda a hora,
nem todos os dias com Santos, desde que com jogral ou mascote.
Assim se faça, no que se possa.”*

— *Verbete 4º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Sou o Roberto da Concertina
o Roberto da Concertina
veio fazer as brincadeiras
hoje na Feira da Ladra
aqui na Terra das Ladeiras
Por isso Ó Gente Boa
que ninguém me leve a mal
eu só faço é brincadeiras
que é uma coisa natural
e que toda a gente visite
este Carregal do Sal.

Jogral era antigo nome para os animadores de festa, porta adentro ou na rua. Nos dias que correm, não passa pela cabeça usar o substantivo salvo para insulto. É o que é, do significado das palavras. Com ou sem música, com ou sem instrumento, animar é o que faz falta às gentes, ou à malta, se entre períodos revolucionários. Até porque, nestes, nem sempre se sabia se toda a gente era Gente Boa.

A concertina, incluída na “metronímia” popular, arrecada preferência para a versão musicada de animação. Os cuspidores de fogo, na visual. Malabares, são armas de caça e sujeitos a licenciamento. Malabaristas cuidai-vos.

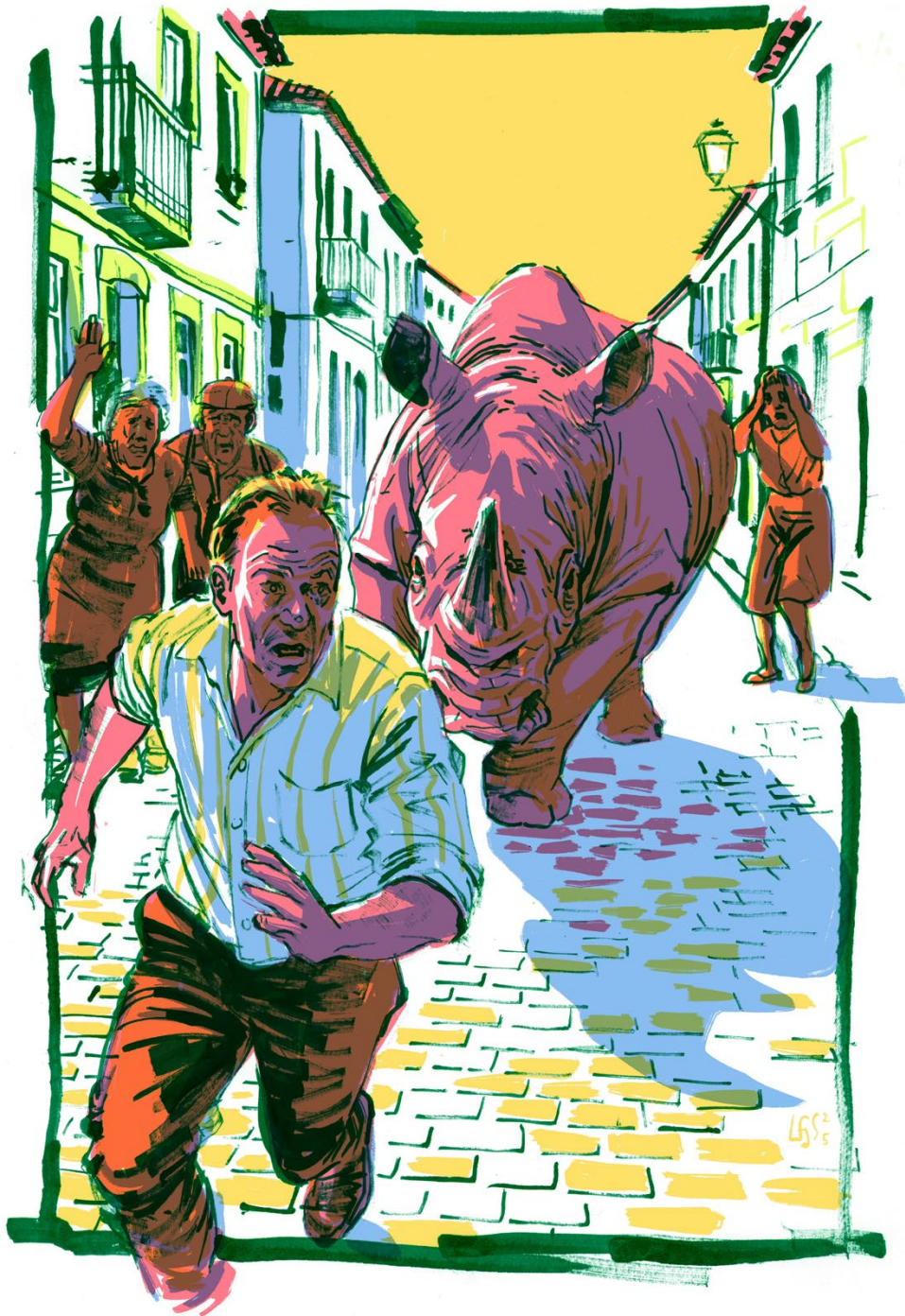
A Terra das Ladeiras, uma das várias das Terras de Carregal, compreende agremiação armoriada — como manda a tradição local — com lanças cruzadas sobre fundo laranja e — também sobre fundo laranja com estilização de filactéria a branco — a manifestação de Mordomia, remetendo para o 15 de Agosto, dia maior das Festas com Santos. Roberto está em dia sem eles, por agora.

A diferenciação do ter, ou não, Santo, apresenta o desafio de se necessitar, ou não, de Protetor/a, também dito/a Padroeiro/a. Na sua ausência, pode provar-se um conjunto de “Militas”, que é mais “alambazar” que “provar”, no que uma bastaria, ao invés de múltiplas. Canónico exemplo de confeitaria contemporânea, as “Militas” são acompanhadas de conversa e têm referência escrita autoral a Comboios. Dá-se por bem empregue a paragem.

As Ladeiras, Feiras, são conspícuas. Ganha a participação quem adquirir um Rinoceronte, seguindo a tradição de D. Manuel I, que o recebeu de presente e o enviou ao Papa Leão X. “Ganda”, assim se chamava, porque assim se denominavam os rinocerontes, em indi (?), ao tempo: “gandas”. Este, o primeiro de todos, na Europa, naufragou em 1515, com a nau onde seguia. Foi-se o bicho, ficou a grafia pela pena de Dürer (que terá copiado desenho de um expatriado alemão em Lisboa, feitas as contas).

Outros remoques de Festas e Folias, podem enquadrar-se na Feira semanal, todas as sextas.

⁶ Retrato de D. Sebastião. Cristóvão de Morais (atribuído a). C. 1571-1574.



Do que ninguém leva a mal

“Pasme-se e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, onde for de levar a mal, se não leve e se não ache, salvo falta de opção. Se não fogueie e se não julgue, salvo outra condição. Se não ande e se não dance, salvo para manter tradição.

Assim se faça, ou não.”

— *Verbete 5º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Januário, o traduzido Janus romano, o deus das duas caras e duas modas, preparava a transição. Sempre se fez, de algum modo, por saber. As apostilas antigas, aquelas que alguns guardam de memória, já o ensinavam.

O frio de pedir lume e lenha, cortada de antemão, acompanhava-se com o suceder de outros meses e outras datas. Umas fixas, outras móveis. Destas, a mais marcante sendo a Páscoa, adaptada de outras crenças e outras vivências, de outros lugares, sem lenha nem frio, pelo que perdiam validade, na Beira Beira. A conta fazia-se simplificando as coisas, para quem usa Excel:

=ARRED(DATA(A1;4;1)/7+RESTO(19*MOD(A1;19)-7;30)*14%;0)*7-6

Tirem 47 dias, dá Carnaval. “Ajuntem” 60, fica Corpus Christi. Mas e a Páscoa? Simples. A “Páscoa é celebrada no primeiro domingo após a primeira lua cheia depois do equinócio da Primavera (no hemisfério norte)”⁷, que calha a calhar entre 22 de Março e 25 de Abril. Simples.

⁷ www.pt.wikipedia.org/wiki/Cálculo_da_Páscoa

Se aqui estamos, já que todos fazemos o indicado, basta deixar aos cuidados próprios e crenças individuais a celebração da data, alargando um pouco mais a antecessora diletta: Carnaval! Nas imortais palavras do jornalista António Teixeira Correia, (...) o Carnaval são 3 dias e a Volta a Portugal II (...), sendo isto apresentado na Mealhada, mais pós-tudo e em dia de chuva, apesar de Verão.

Em 3 dias de Carnaval, há apresentação possível para um infundável número de agremiações e atividades das mesmas. Por Terras de Carregal, não bastam os dias da Volta, para os correr a todos. Haja energia...

Em Alvarelos, que é como quem diz, em Alvarelos, se não houver Julgamento da Comadre e do Compadre, então não há Carnaval, nem haverá Páscoa, porventura. Como se se escapulisse ao ano uma data com que contar outras, ao invés do invés. Se Hoje se presumem menos dias de preparação pública, não deixa de andar gente, um ano bem contado, à procura do que poderá Deixar um ou outro dos condenados (sempre em parelha), no julgamento que já se fez, mas cumpre tornar formal.

Chegadas às vésperas, numa semana uns, noutra semana outros, escapulindo à fogueira do seu patricio de gênero, quando a conversa tinha dois e pouco mais. Porque conversa. Interrompendo as diletâncias dos restantes e esperando o que a Comadre ou Compadre Deixassem, em testamento (julgamento, condenação, “rebenta” com eles, era a sucessão), aos demais vizinhos.

Se forem de fora e pela primeira vez ouvirem tal coisa, “as Deixas” estão para testamento como os Ditos dos Avós para os Netos. Ficam e legam-se. “Eu deixo a/ao ..., o/a/um/uma ...” e preenchem-se os lugares vazios com o que se entender. Umas vezes com canção, outras com encantação.

Acabados os foguetes, o fogo, e a luz no olhar, um “este já ninguém nos tira”. Sentido. De coração. Um “este é o meu mundo”, dito às estrelas, se não chover; ou às nuvens se for a vez delas. Naquele momento, naquele ouvir, quando desarma e desbanda a multidão, confessamos para dentro — mesmo se estrangeiros em terra estranha — “este já ninguém nos tira”. Para o ano há mais. Nem que brilhe o Sol, por troca com a Lua.

Isto é na sexta-feira. Vai sendo.

Sábado começa depois, ou até já espreita, quando o andar de

semanas — tudo demora, no Carnaval — leva pessoas à Vila, ao centro da Vila. Carros, atrelados, carrinhos de bebê, andarilhos. Trotinetes? Magotes de foliões (um folião folia?). Os ajuntamentos correm o circuito, duas voltas, com caixa de som e uniforme de conjugação comum. No final, já entortando pernas, chega-se à tribuna para o prêmio. O Júri decide. Julgando, por outra via, os méritos dos participantes. Se o menino e a menina bailam? Depois do jantar. Só entram com máscara, mas lá estarão.

Entre domingo (miúdos, sobretudo) e terça-feira (segunda e terça, para graúdos e todos), essa mesma, da data certa em que se despede o uso e consumo da carne, para quem a pudesse garantir, sobe-se a estrada empedrada que leva ao Passal.

Cabanas de Viriato, dita por vezes como das mesmas cabanas onde os de Viriato estariam alojados, em glamping ao tempo, corporiza o que dito não se entende. Tentando: uma Dança dos Cús⁸, implica dança, no que requer música, e os ditos dos próprios dançarinos, que chocam, tocam, ou equivalente. No entanto, e se por Cabanas, na largueza de tentar acompanhar a ocorrência, quase que se garante que, mais que toques ou destoaques, é a disposição das pessoas, o modo como se organizam e integram. É isso que vale.

Duas filas paralelas. A que juntam ou subtraem participantes, sem que faça moça. Nunca menos, sempre mais. Possibilitando que começando poucos, acabem sempre em número superior, mas sempre no que se queira, possa e deseje. Maior democracia, num coletivo, seria difícil imaginar. Está cansada? Pode sair. Pode voltar. Perdeu o ritmo? Não se preocupe, é sempre igual. Vai repetir. Quilómetros de repetir. E repetir.

Por vezes num sonho e se se fica, por lá fica, entrando em ginga.

Pa ra ra raan Pa ra rii raa Ra rii raa Ra raan (...)

O mesmo que se diz ter ouvido a Sebastião Rei, a caminho de Alcácer-Quibir, ainda que mais tarde no ano (junho a agosto, tendo a batalha ocorrido a 04). Postos que estão, frente a frente, titula um autor espanhol, para a disposição das forças nessa batalha, muda a perspectiva e estão lado a lado, tocando frenéticos os flancos, sem que dê por vencedora alguma das partes... até acabar.

Pa ra ra raan Pa ra rii raa Ra rii raa Ra raan (...)



⁸ www.dancadoscus.com/atividades

Da Bâcora aos Berrões e até à Porca que se irá recuperar

“Pasmese e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, por Terras que serão Carregal, quem veja Bâcora Russa seja de manter berrão, seja de garantir espeto e ajunte gente que vá buscar a Porca que um dia vai ser levada, mas ainda não.

Assim se faça.”

— *Verbete 6º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Conta-se que, na antiga estrada romana que ia de Oliveirinha a Oliveira do Conde - a estrada do Calvário - por vezes, à meia-noite, junto a uma antiga mina de água, surgia a Bâcora Russa. Tal se foi contando com enlevo, a quem pernoite ou veja anoitecer, para lados de Oliveirinha.

A bâcora russa, como o próprio nome indica, seria uma porca de grandes dimensões, presume-se, uma vez que assustava a população e, dotada de pelo ruivo ou dourado, recebia o nome, como os loiritos, “russitos” são. Surgiria a afamada, ao bater da meia-noite acompanhada de prole, própria ou perfilhada, que não eram os expectáveis bacorinhos, mas pintos (depende da versão).

Esta visão seria, com o pouco alumiado entorno e a pouco circulada estrada àquela hora, cenário suficiente para, por esse mesmo motivo, irem todos aqueles que tinham necessidade de atravessar aquele ponto da via, quando a igreja matriz assinalava a meia-noite com as suas badaladas, irem acompanhados de pedras nos bolsos ou bem seguras nas mãos.

A Bâcora e os seus, cruzando estrada, próximo de mina de água, são apenas uma das formas que toma o adagiário Carregalense.

Um Berrão, podendo ser criança de proximidade, não dependente de idade ou credo, mais cientificamente se afirma das materializações de vulto, estatuária simplificada, cuja representação assumia espécie suína. Não só, mas também. Estes bichos em pedra, grandes ou pequenos, aportam a antes de Viriato (sec. IV a I a.C.), pelo que serão antes das cabanas de Cabanas; antes da Ponte que estava no lugar da Ponte e da bifana num dos extremos da mesma; antes do MB Way, no camião das faturas e até das faturas em si, que se encomendam e consomem a cada dia de festiva contemplação e ajuntamento.

Um Berrão, como a Porca de Murça que deu rótulo a vinho, pode ser qualquer outro animal, mas há berrões que se diz, mais por casa, serem porcos machos não capados. Dizia-se antes no tempo, que os Capões eram galos capados. Uma prática. Entre Berrões e berrões, mesmo se discriminando género, encontra-se ainda a tradição da despensa necessitar de salga ou enchidos. Uma forma é comprando, já tratado o assunto, outra é participando ou cuidando para que haja quem o faça, “ao natural”. Ao tradicional. Um dia. Passeando os animais pela corda, há quem os observe depois de, de longe se deslocar, para integrar o grupo de comensais, sendo lícito saber disso, pela quantidade — assinalável — de autocaravanas ou reboques, que estacionam onde se anuncie tal fazer.

Veterinários há. Cuidados que o tempo exige e o menor esgar possível, aos suínos. Para uns, outra coisa; para muitos ainda, apenas, a comida que se fez de educação. A dialética presume conversa e pontos distintos de observar o mundo. Aqui está mais um exemplo.

Formulação outra é nos Fiais. Espeto e modos de assar. Leitão! Que não é porco. Se alguém a inventou, à receita específica, conta-se que a trouxe de comboio ou de comboio a levou, em tempo de apeadeiro dos Fiais: o único a ser destruído na re-conversão da Linha da Beira Alta. Em 2024, a 10ª edição, do Festival do Leitão dos Fiais da Telha. Com “Roncas” e tudo, a interpretar teaser.

Fica uma última cantata. Sobre uma Porca que vivia em muro⁹, até que, desacarinhada pelo putativo, e até legal, dono, foi agra-

⁹ www.jf-oliveiradoconde.pt/pt_pt/history/lendas/page-2

ciada pela população circundante. Levada dali para um Largo (o das Cruzes, o mais central de todos que há) e posta em reverência e lembrança diária.

Passa o tempo, foi passando, até que se lembra posse e propriedade.

Pois que não estou por aí e quero-a comigo, logo ali, mais para Sudoeste. Afirmara porventura o dono do muro a que agora fazia buraco a ausência da Porca. Entra Setembro pela fechadura, 1939 a ser ele mesmo...

Não se faz mais caso e pede-se devolução. O próprio.

Não se aceita afronta e sugere-se renegação. A população.

Não se está com medidas outras e pede-se intervenção (à Guarda Nacional Republicana).

Não se está com medo e faz-se manifestação (com forquilhas e o que houvesse).

Não se está com paninhos quentes e apela-se guarnição (vêm 3, da GNR: Carregal do Sal, Tondela e Santa Comba Dão).

Não se teme nem nada e mantém-se a posição (crianças incluídas).

Não havia grande pudor e vem a metralha (uma gatling ou algo assim?), apontada aos circundantes, com pancada aos fregueses — mulheres e infantes — e carregos de Porca, do topo da coluna, ao topo da carrinha/camião.

Não há mais Porca em Alvarelhos, mas pede-se que se vá buscar, com o respeito que a História traz e todas as devidas e reputadas considerações aos donos, titulares antigos e mistérios de que, tempos idos, tinham outros quereres. Também, porque quem mais lhe sente a falta é quem dela fala ainda.

A Porca a Alvarelhos! A Porca a Alvarelhos! A Porca a Alvarelhos!

Num dia de nevoeiro, com o Farol e o Faroleiro, regressará a Porca de Alvarelhos!



Da Manilha e seu valor

“Pasme-se e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, em Terras que serão Carregal, nunca valha a Manilha.

Assim se faça.”

— *Verbete 7º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Haveria que imaginar o tormento dos que não conhecem a Linguagem. Esta, com capitular iniciando a palavra, distingue-se de outras, Línguas e também Dialectos, pela inequívoca e sonora apropriação de um número limitado de códigos que, conjugados e em contexto, serviriam para afirmar concordância e — também por vezes, claro — dissonantes formulações.

Tomem, por favor, o exemplo de uma das “zilioníssimas” configurações de 52 distintas cartas de jogo, com naipes (4) e 13 cartas por naipe. É muita configuração, com que se contar uma história ou fazer avançar uma ideia.

Começa aqui a problemática. Existindo — aparentemente — desde o século XV, os baralhos disseminaram-se pela Europa e, século seguinte adentro, todos os conheciam. A Nobreza, privilegiando as cartas da “Corte” (Rei, Rainha/Dama e Valete), considerava-se representada e inerente, na conversa que surgia.

Os restantes, que não Nobreza, assumiam como plebe (o *vulgus ignobile et sine nomine*, recorde-se) e Clero um desgosto profundo. Distendeu o Clero quanto ao pecado dos jogos de azar. Ficou arrumado. Ensimesmou o Povo que havia volta a dar. Ocorre então que, algures por meados da centúria de 1500, se dispunha baralho por

entre mesa, emparelhando, em conversa quadri-fônica, a distribuição de argumentário, acompanhada por gestos, mais ou menos expressivos, que contendiam como emojis: carta acompanhada de murro (destrunfa! “carinha furiosa com ar de diabinho”), carta acompanhada de souplesse (estou seco/não tenho mais deste naipe... “carinha triste”), carta acompanhada de reviradela, mostrando as costuras/verso (muda de naipe, mantém a cor; “carinha com gostas de suor, a escorrer pelas laterais”).

Quando se recebe a notícia de recrutar tropas para ir enfrentar o “Mulei Maluco” — tem-se falado de Alcácer-Quibir — começam as populações temerosas a trocar mensagens, pelo Reino e pelos Cinco Reinos do Carregal. Grupos e grupos de jogadores, que, mais que outra coisa, conversavam via cartas e — propositadamente — utilizavam o valete de paus como sacrifício inicial, para garantir o tópico do debate (ninguém assumia ser D. Sebastião o Rei de espadas, nunca, jamais). Assim nasceu a Manilha, a que hoje se chama também Sueca, por proibição da primeira denominação.

Alguém contará o desenvolvimento.

De qualquer modo, é frequente topar com jogo e jogadores da Sueca, avulsos ou em torneios organizados para o efeito, sendo necessário cuidadoso passo ao entrar em tais lugares. Quem joga necessita de tempo e amplitude. Quem joga dispensa interferência. Quem joga procura — falou-se em Linguagem e dialectos! — reconhecer ou decifrar o código dos oponentes. Que não se deve usar? Não, claro. Faz-se? Pois...

Como nas Leis de Newton, quando não se organiza torneio, aproveita-se mesa. Fazendo o quê? Jogos de Sueca. O que mais? Acompanhados de petisco, bifana em nome próprio, digestivos quando necessário. Matrecos para os menos probos e até, quiçá, dominós. A perdida arte da numeromania, cujos impactos e reflexos estão por apurar, mas cuja redoma de secretismo eleva os sabedores a políglotas. Em cujo grupo se não inclui quem regista estas linhas.

Poder-se-á congeminar um circuito, à guiza de Clube de Leitura ou Clube de Debate, por entre os vários lugares de Carregal. Beijós, por proximidade, a quem vem da capital de Distrito, sendo a primeira

paragem. Com tempero e modo secreto, transposto por D. Paula e D. Beta, entusiasmando fregueses e sala fechada de meditação. Siga-se pela estrada nativa e entre outras viagens, até ao fim dos fins da circunscrição. Campo da Bola com Salão, ali para Fiais, que antes de Leitão tinha já campeão. De Sueca. Cartão de pontos. Regras escudadas na prática e no bom senso. Medalhística. Tudo quanto se há de ter.

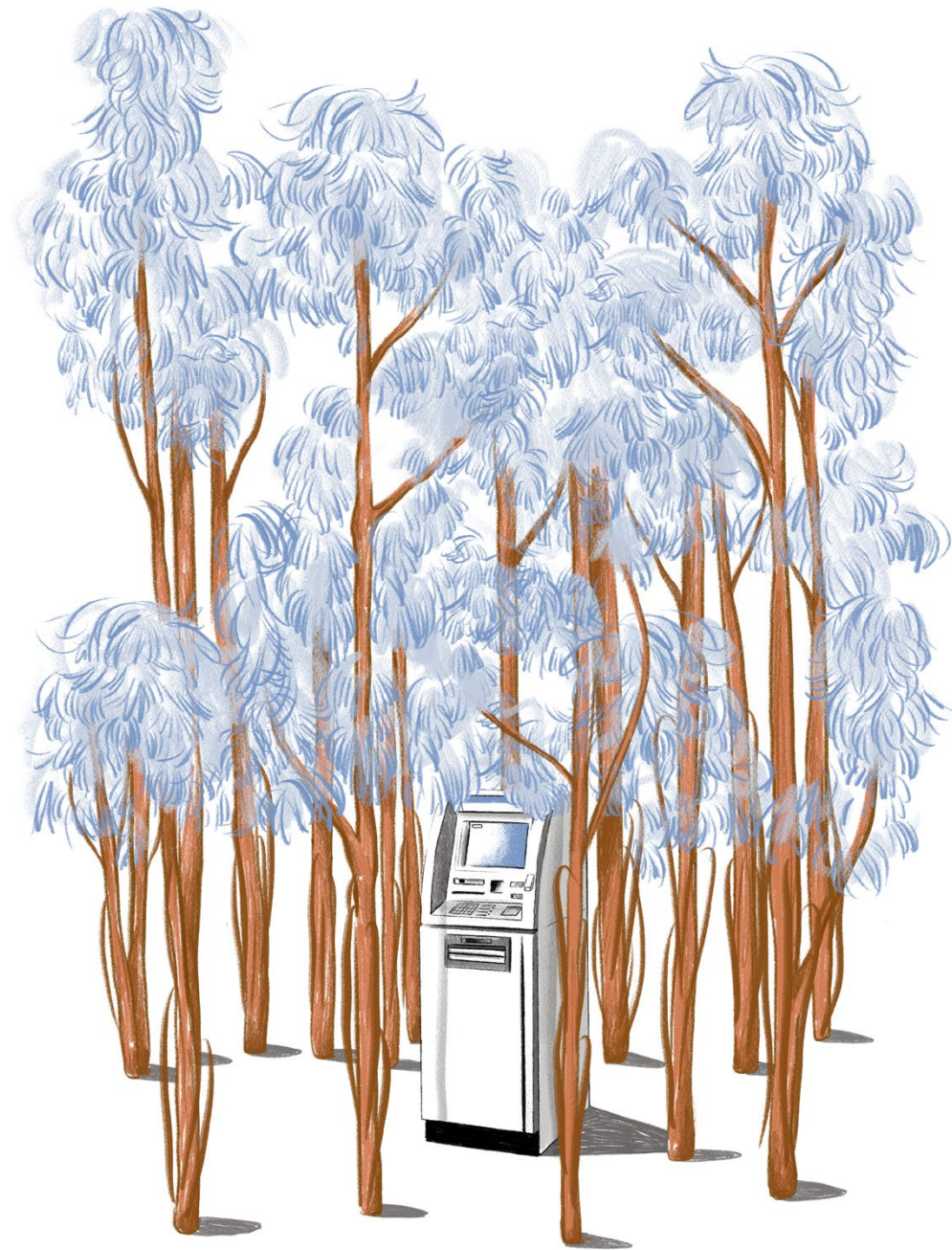
A Manilha, por vezes e também, resta dizer, é o 7 que vale menos que Ás, mas mais que outras, nomeadamente da "Corte", ainda que custe a engolir a Sebastião.



Pausa de respiração...

Aqui se encerra um conjunto de verbetes,
sequenciais. De um autor só, dizem alguns.
De Sebastião do Carregal, dizem mais ainda.

Destes verbetes se fez, com o tempo, lenda.
E se fez igualmente canção e canções, que
se apresentam em seguida.





Nevoeiro

Letra: Rui Macário Ribeiro
Música: Ana Bento

1578, 04 de Agosto... o exército português é derrotado em Alcácer Quibir.

Diz-se que D. Sebastião morre. Diz-se também que não: que D. Sebastião foi aprisionado e escondido em Veneza, por nobres espanhóis, para mais facilmente assumirem a coroa nacional. Diz-se - outros dizem - que D. Sebastião escapou e iniciou um percurso demorado até que um dia regressa a Portugal, onde chegará num dia de Nevoeiro.

Diz-se. Dizemos nós e este CANCIONEIRO é prova, que D. Sebastião regressou de facto a Portugal, mas não quis mais ser Rei. Preferiu viver como um Carregalense, nas Terras de Carregal.

O que ouviremos a seguir é o que a história registou ou podia ter registado, se soubesse tanto como nós sabemos. Isto é a verdade, verdadeira, com jura à sombra da Porca de Alvarelos.

Nevoeiro

Intro
♩ = 91

(falado)

Se-bas-ti-ão Se-bas-ti-ão pe-que-no pe-que-no

a-dor-me-cer a-dor-me-cer Mar-ro-cos Mar-ro-cos

cru-zei cru-zei bar-cas bar-cas

car-regal car-regal nevoeiro nevoeiro Qu-a-d'e-u

e-ra pe-que-ni-no e-cus-ta-v'a-dor-me-cer can-ta-vam-m'u-mas Ter-ras-que-de-via-a-con-he-cer. Com

ri-os, passa-ra-da Com-al-mas, com-or-va-lhos u-ma por-ca'e u-ma bá-co-ra cam-pos com-car-va-lhos.

Interlúdio

1. 2.

aaa aaa aaa aaa aaa aaa aaa Num

Refrão

1.

di-a-de-Ne-vo-ei-ro, di-zem-que-vo-l-ta-rei, mas num di-a-de-ne-vo-ei-ro, foi quan-dó-cá-che-guei. Num

31 **2.**
Bb C
quan - do cá che-guei. Mais

33 **B** Eb C Bb C Bb C
ve-lho me perdi, e com ver - go-nha de Mar-ro-co fugi. Vol - tei en-ca-po-ta - do.

36 (sopros) C Bb C **B** Eb C Bb C Bb C
Cru - zeir por Midões fui salti-tando barcas u-ma ponte, sem-pre a os tram-bolhões.

41 (sopros) C Bb C
Num

Refrão
43 C Bb Bb C C Bb **1.** Bb C **2.** Bb C
diade Nevoei-ro, dizem que voltarei, mas num dia de nevoei-ro, foi quando cá cheguei. Num quando cá cheguei. A

48 **A** rubato Eb C Bb C a tempo
-quem Car-re-gal, o Te-sou ro do meu cres-cer, ju - reidei-xa ra c'roa e a-nó-ni-m'e fa-zer. Num

Refrão
51 C Bb Bb C C Bb **1,2,3** Bb C **4.** Bb C
diade Nevoei-ro, dizem que voltarei, mas num dia de nevoei-ro, foi quando cá cheguei. Num quando cá cheguei.

Sebastião
Pequeno
Adormecer
Marrocos
Cruzei
Barcas
Carregal
Nevoeiro

Quando era pequenino
e custava à dormecer
cantavam-me umas Terras
que devia conhecer.

Com rios, passara
de almas, com orvalhos
uma porca e uma bécora
campos com carvalhos.

Num dia de nevoeiro,
dizem que voltarei,
mas num dia de nevoeiro,
foi quando cá cheguei.

Mais velho me perdi,
e com vergonha de
Marrocos fugi.
Voltei encapotado.

Cruzei por Midões
fui saltitando barcas,
uma ponte,
sempre aos trambolhões.

Num dia de nevoeiro,
dizem que voltarei,
mas num dia de nevoeiro,
foi quando cá cheguei.

Aqui em Carregal,
o tesouro do meu crescer,
jurei deixar a coroa
e anónimo me fazer.



O Cão do Sebastião

Letra: Rui Macário Ribeiro
Música: Ana Bento

D. Sebastião, antes de ir correr por Marrocos, gostava de se fazer pintar. Mas como tinha medo, queria sempre consigo um cão. Um galgo ou parecido, para o proteger das ideias tolas de conquistar Reinos.

Um dia ao acordar, quando o cão não estava, foi quando Sebastião achou que era guerreiro e se deu a desgraçada viagem para Alcácer Quibir. Ora, ao regressar e parar nestas terras, depois de cruzar o Mondego, havia consigo um cão que precisava de ajuda.

Para o ajudar foi Sebastião por tudo quanto era lugar. Ora ouçam...

O Cão do Sebastião

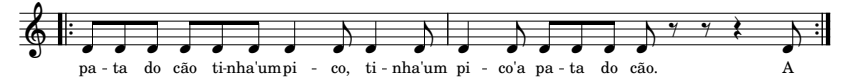
Intro ♩ = 163

Dm

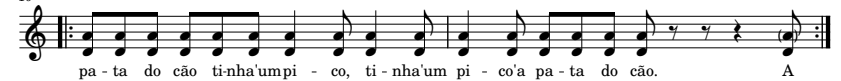


Refrão 1

8 Dm



10 Dm



A1

12 Dm



16 Dm



18 **B1**



18 **B1** G- D- A D-

ma - ta, ar - re - ma - ta, o Pé - lé e o Za - ga - lo. Ar - re

Interlúdio

20 Dm (sopros)

Refrão 2

24 Dm

Não hou - ve vez pa - ra'o cão que com o pi - co na pa - ta fi - cou

26 Dm

Não hou - ve vez pa - ra'o cão que com o pi - co na pa - ta fi - cou. An -

28 **A2** Dm A Dm Dm A Dm

- douan - douan - dou mas nin - guém mais lheli - gou. Um dia maistar - denou - tronolu - gardo Bussa - qui - to Di -

32 **B2** Gm Dm A Dm

- zi - am lhe'à dis - tân - cia, "ó fre - guês quer pei - xe fri - to?" di

34 **C** Dm (sopros - prolonga as notas até fim da repetição) Dm (falado)

Nema - í nem nou - trolugar o pi - coda pa - ta do cão nin - guém sou - be ti - rar.

38 **Refrão 3** Dm Dm

Na Nos - sa Se - nho - ras Fe - bres com a Nos - sa Se - nho - ras Fe - bras. Na

42 Dm

Nossa Se - nho - ras Fe - bres com a Nos - sa Se - nho - ras Fe - bras. Na Nossa Se - nho - ras Fe - bras. Apri -

45 **A3** Dm A Dm Dm A Dm

- meira ti - r'ador a se - gunda ti - r'afo - me. Ti - rar o pi - coda pa - ta'é queninguêmsa - bi - a como. Ten -

49 **B3** Gm Dm A Dm

- ta - ram de tu - do num a - no mas na - da lh'a - con - te - ceu. Ten -

51 Gm Dm **rall.** A **rall.** Dm9 (pára ao sinal)

- ta - ram de tu - donuma - nomas o cão en - fim... mor - reu! "...o cão morreu..." (choro falado)

Interlúdio

55 Dm (sopros)

59 **rall.** Dm Dm (falado) Dm

ho - mem fi - cou tris - te... e o cão nem e - ra seu!

O Cão do Sebastião

a pata do cão tinha um pico
tinha um pico a pata do cão

a pata do cão tinha um pico
foi ao cura p'ro curar
à festa de Santo Amaro,
c'o leilão a começar
a garrafa de vinho branco
chouriça no gargalo

arremata, arramata,
o Pelé e o Zagalo

não houve vez para o cão
que com o pico na pata ficou

andou andou andou
mas ninguém mais lhe ligou
um dia mais tarde noutro,
no lugar do busaquito

diziam-lhe à distância
ó freguês quer peixe frito?

Nem aí nem noutro lugar
O pico da pata do cão
Ninguém soube tirar

na nossa senhora das febres
com a nossa senhora das febras

a primeira tira a dor
a segunda tira a fome
tirar o pico da pata
é que ninguém sabia como

Tentaram de tudo num ano
mas nada lh'aconteceu
Tentaram de tudo num ano
mas o cão, enfim... Morreu!

O homem ficou triste...
e o cão, nem era o seu.



Canção das Alcunhas

Letra: Bruno Pinto e Ana Bento
Música: Ana Bento

Enfim, triste desfecho.

Mas, pelo lado positivo, que se note que tinha acabado de chegar e ficou logo a conhecer as localidades e as pessoas. O seu dia-a-dia e as suas Festas.

Ao cão, escreveu um soneto de despedida e atirou o papel para o Mondego numa última homenagem. Não sabemos o que continha o soneto.

Mas não foi só isso que Sebastião registou. Com todas as voltas e andanças, foi conhecendo os nomes que o Carregal dava a alguns dos seus. E só não escreveu tudo porque não teve tempo, para as alcunhas de todos quantos houve e há... Ficam as que ele pôde fixar.

Ele que é Sebastião, o Encoberto!

Intro
 (percussão e sopros)
 ♩ = 97

A
 4 D C Bb C D C D D C Bb C D C D
 Dealcunha ninguémgosta éverdadenuaposta. Te-o-ri-a Do'óci'alheio semeadaporvizinh'anseio.

B
 8 A C D C Bb C D C D
 Eumnomequenãosetem Éumnomedadoporalgum. Queemvezdechamarp'lonome querchamarpelofeitoio.

Refrão
 12 D C Bb C D C D D C Bb C D C D
 E'oteuno-menãoéteu édequemt'odeu dequempen-sa co-nhe-cer maisdoquetu o teueu.

Kicks para texto 1 **Kicks para texto 2** **Kicks para texto 3**
 16 open D₂ D₂ open D₂ open D₂
 Refrão Refrão

Kicks para texto 4 **Kicks para texto 5**
 21 open D₂ open D₂
 Refrão Refrão

De alcunha ninguém gosta
 É verdade nua posta
 Teoria do ócio alheio
 Semeada por vizinho anseio
 É um nome que não se tem
 É um nome dado por alguém
 Que em vez de chamar p'lo nome
 Quer chamar pelo feito

E o teu nome não é teu
 É de quem to deu
 De quem pensa conhecer
 Mais do que tu o teu eu

E eis aqui agora, a lista verificada
 e revista dos cognomes acusados
 Em Carregal do Sal usados
 Mas nem sempre aprovados:

De Ratos, a Ratões, Macacos
 e Canários, Pombos,
 Aviários, Carneiros e malatos
 e também o Carraça.
 Em terras do Carregal sempre
 houve gente de toda a raça.

Havia o Zé Espingardas
 (que o nome já vem do avô),
 os Chafuco (pai e filha),
 o Pêgo que era filho de um
 alentejano, era rude,
 mas muito sério e quando as
 pessoas lhe diziam 'quá quá'
 ele começava logo às asneiradas.

Havia também o Bota Água
 e o Manuel Mangueiras
 Em Correlos havia o Zé da Cruz
 que viva sozinho e tinha uma casa

impecável! Quando vinha a pé de
 Correlos para Oliveira do Conde,
 pelo caminho lhe diziam
 'Ó Zé, o teu padre vem para cá!
 ele deitava as calças a baixo e
 mostrava o rabo a toda a gente.

O Mário Tacho que viva no Cabeço,
 o Albano Gato que na Páscoa
 andava a cantar o aleluia e ajudava
 a endireitar costas o Olho Branco,
 que andava sempre
 no branco... e no tinto!

E o teu nome não é teu
 É de quem to deu
 De quem pensa conhecer
 Mais do que tu o teu eu

Havia o Mocho que andava de
 noite, o Estraga Raças que dizia
 mal de toda a gente, o Carriço
 que era filho da Carriça,
 o Zé Menina que quando era
 criança parecia uma menina
 com um chapéu de palha,
 mas era um homenzão
 e foi bombeiro!

O Aníbal da Regadia
 (que já vinha da avó),
 a Amélia do Kiss Kiss,
 que o avô, o Tenho do Kiss Kiss,
 era gago. Ainda o Chico Embófiás,
 a Fernanda Grilo, o António
 Estorninho e a avó do Sr. Albano,
 a Francisca Espanhola que
 veio do Brasil e era partieira.

Canção das Alcunhas

Havia o Moleiro que tinha
um moinho, e o João Pedreiro
que era pedreiro.
O Alapão que cada vez
que chegava a algum sítio
perguntava: há lá pão?

E o teu nome não é teu
É de quem to deu
De quem pensa conhecer
Mais do que tu o teu eu

A Elisinha da Estrada que
vivia à beira da estrada,
O Estoira que vendia foguetes
e caixões o Nicolau Fradinho,
sobrinho de um frade,
o Pitinoca que a mulher era
sardinheira, muito alta
e espevitada.

Havia ainda o Dr. Carumas
que tinha uma fábrica de móveis
e o Valetas que tinha um café
em Casal da Torre e quando
alguém se portava mal ele
agarrava por um braço e dizia
que mandava para a valeta.

E o Zé Borrado que andava
sempre aos peidos e o
Peidorilhas de Correlos que
onde chegava era ratatatata!...

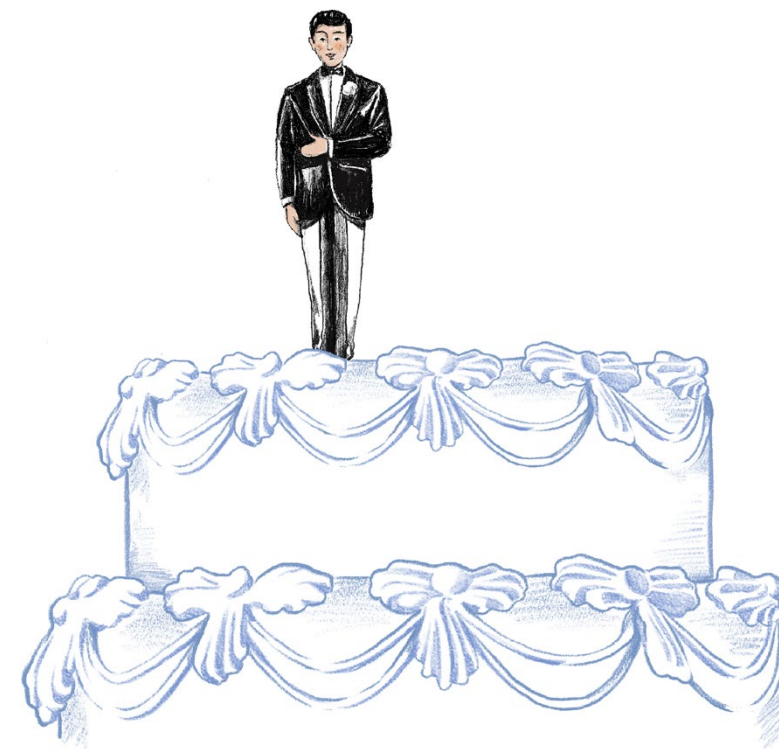
Depois ainda havia o Bota Fogo
que era irmão do Sape e o Bota Água.
Mais o Cochino que a mãe tinha
um porco de cobrição e andava
com ele de terra em terra.
O Maneta, o Banca Rota,
o Singarina, e a Virgínia Caraga.

E muitos outros, que alcunha
toda a gente tinha!

E o teu nome não é teu
É de quem to deu
De quem pensa conhecer
Mais do que tu o teu eu

Há quem diga que uma alcunha
é a pedra mais pesada que o
diabo pode atirar a alguém.

E o teu nome não é teu
É de quem to deu
De quem pensa conhecer
Mais do que tu o teu eu



Quem quer casar com o Sebastião

Letra: Rui Macário e Ana Bento
Música: Ana Bento

Passado algum tempo, achou Sebastião que se sentia sozinho.

Posto isto, no que mais tarde veio a inspirar a história da Carochinha e imitando os leilões dos Santos que ocorrem em alguns lugares, subiu a um coreto — ou até a vários — e foi de se oferecer a quem o quisesse levar para casa, afirmando as suas virtudes.

Vai uma, vai duas, vai Tipic(ò)moderna!

Quem quer casar com o Sebastião?

Refrão

A B A B

Quem quer, quem quer, quem quer ca-sar com o Se-bas-ti-ão. Fi-

6 **A** A B A B

-dal-go, bo-ni-to'e for-mo-si-nho. Con-ten-to-me com qual-quer re-fei-ção.

10 A B A B

U-mas so-pas e ca-ro-los, u-mas ba-ta-tas as-sa-das e um

14 A B A B

go-lo p'ra em-pur-rar, mais u-mas fe-bras bem sal-ga-das. Quem

Refrão

A B A B

quer, quem quer, quem quer ca-sar com o Se-bas-ti-ão. Da

22 **A** A B A B

mi-nha par-te fa-ço tu-do me-nos o que der co-mi-chão.

26 A B A B

Pos-so a-té a-pa-nhar pei-xe! Se me vir em a-fli-ção!

30 A B A B

Vou e tra-go o qu'hou-ver, a-té mes-m'um tu-ba-rão!

Solo

34 A B A B

Quem quer casar com o Sebastião?

38 A B A B

42 A B A B

46 A B A B

Al-

50 **B** D G D G

-guém quem o'fre-ça ca-sa p'ra sen-tar, só tem de ba-ter o pre-ço se me qui-ser le-var. Ba-tam

54 D G D G

lá es-se-mar-te-lo ba-tam lá de u-mavez. A-que-la mo-ç'a-ce-nou-e-ra p'ra mim tal-vez. Eu

58 A D A D

vou mes-mo sem tos-tão, vou e fa-ç'um fi-gu-rão Quem

Refrão

62 A B A B

quer, quem quer, quem quer ca-sar com o Se-bas-ti-ão. Quem

66 **C** A (falado) B A B

É a me-ni-na de a-zul? A me-ni-ne é sol-tei-ra? Ó mi-nha

70 A B

lin-da vou já p'ra su-a bei-ra!

Quem quer casar com o Sebastião?

Quem quer, quem quer,
quem quer casar com o Sebastião?
Fidalgo, bonito e formosinho,
contento-me com qualquer refeição.

Umás sopas e carolos,
umas batatas assadas
e um golo p'ra empurrar,
mais umas febras bem salgadas.

Quem quer, quem quer,
quem quer casar com o Sebastião?
Da minha parte faço tudo,
menos o que der comichão.

Posso até apanhar peixe,
se me vir em aflição,
vou e trago o que houver,
até mesmo um tubarão!

Alguém que me ofereça,
casa para assentar,
só tem de bater o preço
Se me quiser levar.
Batam lá esse martelo!
Batam lá de uma vez!
Aquela moça acenou,
era para mim talvez?
Eu vou mesmo sem tostão,
vou e faço um figurão!

Quem quer, quem quer,
quem quer casar com o Sebastião?
É a menina de azul? A menina é solteira?
Ó minha linda, vou já para a sua beira!



Volta às Terras Carregalenses

Letra: Rui Macário e Ana Bento
Música: Ana Bento

Até que corria bem a vida. Atarefado com o avental e a cumprir as tarefas domésticas. Salvo um ou outro imprevisto que envolve perseguir os famosíssimos vendedores de peixe de Carregal do Sal. Isso contamos outro dia.

Volta às Terras Carregalenses

Intro $\text{♩} = 67$
(linha de baixo)

G- G- B \flat B \flat

Interlúdio
(sopros)

5 G- G- B \flat B \flat

A G- G- B \flat B \flat

9 esta-vam as gen-tes à som-bra num dia a-bra-sa-dor,

G- G- B \flat B \flat

13 pas-sa um to-lo nu-mas ro-das p' lomei-o do ca-lor

B C- B \flat C- B \flat

17 mas a-qui-lo não e-ra'um car-ro nem tão pou-co um ca-mi-ão tam-

C- B \flat C- D- G-

21 -bém não e-ra u-ma mo-ta, não ti-nha mo-tor de com-bus-tão.

Interlúdio
(sopros)

25 G- G- B \flat B \flat

(linha de baixo)
background para texto:

29 G- G- B \flat B \flat

"Dizia que andava ao peixe,
que o peixe distribuía,
E gira que gira o magrela,
com duas rodas enfiladas,
tinha perdido o Senhor,
manhazinha, p'lo alvor.
numa espécie de engenhoca,
perna com perna que troca."

Volta às Terras Carregalenses

G- G- B \flat B \flat

33 to-dos de bo-ca a-ber-ta, um mar de Car-rega-len-ses o-lhar uns ba-

G- G- B \flat B \flat

37 -ti-am pal-mas com for-ça ou-trose-r'asso-bi-ar. o

C- B \flat C- B \flat

41 mo-ço bus-ca pei-xe e'é pei-xe p'rojan-tar a-

C- B \flat C- D- G-

45 -trás do ho-mem da vol-ta u-ma bi-ci-cle-ta foi in-ven-tar

$\text{♩} = 181$

49 G- G- G- G- É a vol-ta do ve-

G- G- G- G-

53 -rão lá vai o Se-bas-ti-ão a su-ar em

G- G- G- G-

57 bi-ca, ma-gre-la é o ca-mi-so-la a-ma-re-la!

Volta às Terras Carregalenses

Estavam as gentes à sombra
num dia abrasador
passa um tolo numas rodas
p'lo meio do calor!

Mas aquilo não era um carro,
nem tampouco um camião,
também não era uma mota,
não tinha motor de combustão!

Dizia que andava ao Peixe,
tinha perdido o Senhor,
que o Peixe distribuía,
manhazinha, p'lo alvor.

E gira que gira o magrela,
numa espécie de engenhoca,
com duas rodas enfiladas,
perna com perna que troca.

E todos de boca aberta
um mar de Carregalenses a olhar:
uns batiam palmas com força
outros era só assobiar.

O moço busca peixe,
e é peixe p'ró jantar.
Atrás do homem da Volta,
uma bicicleta foi inventar.

É a Volta no Verão,
e lá vai o Sebastião
a suar em bica, magrela
é o camisola amarela!



Entrudo Borralhudo

Letra e Música: Ana Bento

Tornou-se um folião. Adepto do Entrudo e de tudo quanto o Carnaval mostra e tudo quanto de diferente o Carnaval tem, em cada uma das Terras do Carregal.

Sentimental como era, tornou-se famoso pelos carpidos e choros prolongados, mostrando a pena que sentia por cada Compadre, Comadre e Velha.

Entrudo Borralhudo

Intro
♩ = 143
(drone em G enquanto é dito o texto)

"Ó entrudo!" "Borralhudo!"
 "Na tua cova haviam de estar seis!" "Matrafonas!"
 "Zabumbas!" "Todos pr'a rua!"
 "Está na hora!" "A festa vai começar!"

5 percussão

9 paus

13 baixo

guitarra

17 G G G A

21 clarinete

25 flauta

Entrudo Borralhudo

Ó entrudo!
 Borralhudo!
 Na tua cova haviam de estar seis!
 Matrafonas!
 Zabumbas!
 Todos à rua!
 Está na hora!
 Comece a festa!

Canção da Alma



Canção da Alma

Letra: Sónia Barbosa
Música: Ana Bento

Intro

$\text{♩} = 95$ (só percussão)

D-

Intro Vozes

6 D- G-

A ú _____ ú _____ ú _____ ú _____ A

14 D-

ve - lha, já fo - i a

18 G-

su - a ca - be - ça ro - lou_ pr'a

22 D-

vi - da po - der con - ti - nua - r al -

26 G- C D-

-guém tem de se sa - cri - fi - ca - r_

Intro Vozes

30 D- G-

A ú _____ ú _____ ú _____ ú _____ A

38 D-

al - ma, lá va - i por

42 G-

ci - ma de nós a pai - rar_ ó

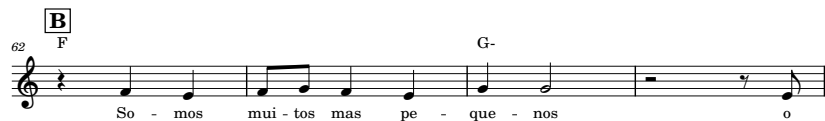
46 D-

al - ma diz lá o que vê - s a -

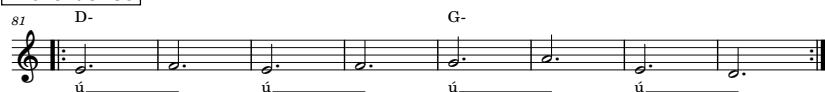
Canção da Alma



Intro Vozes



Intro Vozes

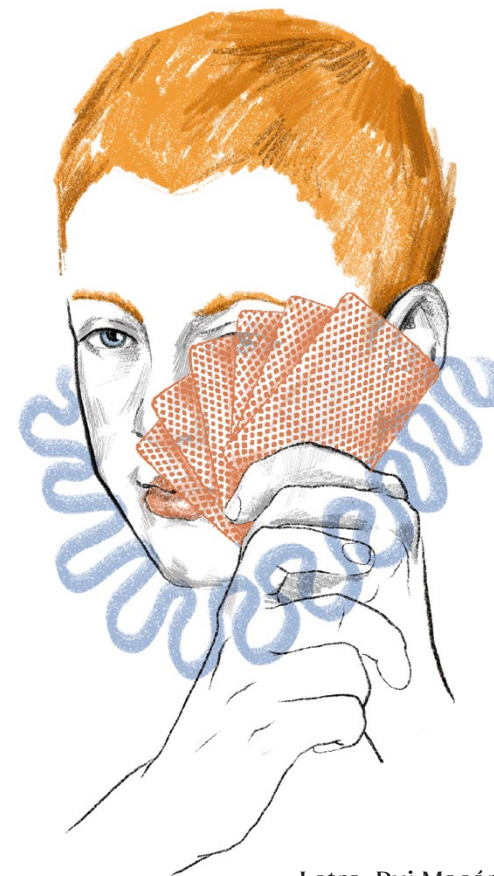


a velha, já foi
a sua cabelo rolou
pr'a vida poder continuar
alguém tem de se sacrificar

a alma, lá vai
por cima de nós a pairar

ó alma diz lá o que vês
aí desse alto a suspirar

somos muitos mas pequenos
o medo prende-nos ao chão
ensina-nos a olhar o mundo
com olhos de compaixão



Joga!

Letra: Rui Macário e Ana Bento
Música: Ana Bento

Nas Terras Carregalenses, nem tudo era bom!

Há uma célebre história, de um casal. Ele Adão, ela Eva, ele com mau feitio e fama de jogador de sueca. Jogo que detestava perder. Nem a feijões.

Ameaçava Adão a população, se alguém não o quisesse enfrentar. Ora, talvez ali para os Fiais, ou em Beijós, ou em qualquer dos excelentes estabelecimentos destas redondezas, Vem Sebastião e enfrenta Adão, com um final inesperado, ou talvez não.

Por isso... Joga!

$\text{♩} = 95$

Refrão

5 C- C- F- C- G C- É su-
-eca. É sue ca. É su - eca Simsenhor! Hoje jo-ga-senascal-mas'd'an-tes erade-vas-ta-dor. É su

A1

9 (texto lido e resposta cantada) C- C- F- C- G C-
Quatro à mesa, frente a frente, "olhos o-lhamem re-dor, "vira bisca, sai manilha" quem se vai sa-ir melhor?

13 C- C- F- C- G C-
"Já só resta esta mesa" já só há mais u - ma mão, "as contas feitas por alto" a-me - a-çam o A - dão.

17 C- C- F- C- **rall.** G C-
"O povo esconde sinais" nem sem-pr'a sa-tis-fa-ção, "uma carta para jogar..." e dá - se um tur-bi-lhão! É su-

Refrão

21 C- C- F- C- G C-
-eca. É sue ca. É su - eca Simsenhor! Hoje jo-ga-senascal-mas'd'an-tes erade-vas-ta-dor. É su

A2

25 (loop para texto lido) C- C- F- C- G C-
É su -

"Adão casou com Eva, jogava sempre a ganhar, entrava nas tabernas e era sempre a desafiar!
"Joguem, joguem", dizia ele, mas a vitória será sempre minha, nem que seja na última mão, ganho sempre ou não me chamo Adão!
E mesmo que alguns homens não fossem nesta canção ele chegava-lhes a lâmina e jogava, quisessem ou não!"

Refrão

29 C- C- F- C- G C-
-eca. É sue ca. É su - eca Simsenhor! Hoje jo-ga-senascal-mas'd'an-tes erade-vas-ta-dor. É su
No tor-

33 **B** F- F- C- C-
-nei-o p'ra Bei-jós, a-gen-da-do a pre-cei-to, A - dão pen-sou ser fá-cil, As
"mas Sebastião deu-lhe o peito!"

37 F- F- C- C-
ron-das su-ce-de-ram, a be - bi-d'es-sa tam-bém e já qua-se no fi-nal, deu-se Ó meu Deus, A -
Minha Mãe!

41 F- F- C- C-
-dão vi-rou a me-sa, a-ti-rou'os pause co-pas, f'afu - gir pa-r'a ru-a "mas antes deram-lhe umas mocas." A-gar-

45 F- F- G **rall.** G
-ra-do'ásu-a E-va as - sim se foi A-dão, ex - pul-sos do Pa-ra-í-so a-ca - bou-se'ofan-far-rão. Ex-

49 **C** C- G C- C- G C-
-pul-sos do Pa-ra-í-so a-ca bou-se'ofan-far-rão. Ex pul-sos do Pa-ra-í-so a-ca bou-se'ofan-far-rão.

Interlúdio

53 C- (loop para texto lido) C-
Mas olha, olha! Cartas na manga!
Raispalira que o sebastião faz batota!
E agora? Ex -

C (voz aguda só na 2ªx)
55 C- G C- C- G C-
-pul-sos do Pa-ra-í-so vão E-va e A-dão. Ex - pul-sos do Pa-ra-í-so vai tam-bém Se-bas-ti-ão! Ex -

Joga!

É Sueca. É Sueca!
É Sueca. Sim senhor!
hoje joga-se nas calmas
dantes era devastador

Quatro à mesa, frente a frente,
olhos olham em redor,
vira bisca, sai manilha,
quem se vai sair melhor?

Já só resta esta mesa,
já só há mais uma mão,
as contas feitas por alto,
ameaçam o Adão.

O povo esconde sinais,
nem sempre a satisfação,
uma carta para jogar...
e dá-se um turbilhão!

É Sueca. É Sueca!
É Sueca. Sim senhor!
hoje joga-se nas calmas
dantes era devastador

Adão casou com Eva,
jogava sempre a ganhar,
entrava nas tabernas
e era sempre a desafiar!
'Joguem, joguem', dizia ele
mas a vitória será sempre minha,
nem que seja na última mão
ganho sempre ou não
me chamo Adão!
E mesmo que alguns homens
não fossem nesta canção
ele chegava-lhes a lâmina
e jogavam, quisessem ou não!

É Sueca. É Sueca!
É Sueca. Sim senhor!
hoje joga-se nas calmas
dantes era devastador

No torneio para Beijós,
agendado a preceito,
Adão pensou ser fácil,
mas Sebastião deu-lhe o peito!

As rondas sucederam,
a bebida essa também
e já quase no final,
deu-se "Ó meu Deus, Minha Mãe!"

Adão virou a mesa,
atirou c'os paus e copas,
ia a fugir para a rua,
mas antes deram-lhe umas mocas.

Agarrado a sua Eva...
assim se foi Adão,
expulsos do Paraíso
acabou-se o fanfarrão.
Expulsos do Paraíso
acabou-se o fanfarrão.

Mas olha, olha!
Cartas na manga!
Raispalira que o
Sebastião faz batota!
E agora?
Expulsos do Paraíso
vão a Eva e o Adão.
Expulso do Paraíso
vai também o Sebastião!



A Porca É Nossa

Letra: Rui Macário e Ana Bento
Música: Ana Bento

E ainda que Sebastião tivesse sido expulso do Paraíso que é o Carregal, quis prestar um último agradecimento e louvor ao Carregal.

É nas pessoas e lugares, mas é também nos monumentos e marcas do território que o Carregal vive. Um desses monumentos e marcas de memória, foi levado com força de armas e brutidão de agentes, batendo a mulheres e crianças que se defenderam o melhor que puderam. Mas não conseguiram impedir que uma coluna ficasse sem topo!

Hoje há um largo sem pedra, e um muro sem remendo, em Alvalrelhos, mas onde se pode vê-la, se olharmos com atenção. Porque o lugar dela é ali.

Falada e sentida por muitos. Desconhecida por outros, decidiu Sebastião recuperar, para que um dia, se dele falarem, se lembrem de quem tentou dar a Porca a quem de direito.

Porque: A Porca é nossa!

Intro ♩ = 99

(sopros)

1,2,3 4.

F7 Bb6 F7 Bb6 F7 Bb6

A-qui

A

4 F7 Bb6 F7 Bb6 F7 Bb6 F7 Bb6

vi-mosa che-ga-ar e a por-cad'Al-va-re-lhosvi-mosbus-car!

B

8 F7 Bb6 F7 Bb6 F7 Bb6

deixem-se de por-ca-ri-a deixem-se de fe-run-fun-fe-lhos va-mosle-var a por-cap'rAl-va-

Intro

11 F7 Bb6 F7 Bb6 F7 Bb6 F7 Bb6

-re-lhos.

Refrão

15 F7 Bb6 F7 Bb6

nos-sa! A por-ca é nos-sa! É nos-sa! A por-ca é nos-sa! É

B

(sopros)

19 F7 Bb6 F7 Bb6

(É)

1. Quanto tempo já lá vai, quanto tempo já passou desde que a porca de Alvarelhos da prisão de um muro se libertou.
2. No Largo foi exposta onde todos os dias era reverenciada e por todos era acarinhada.
3. Mas depois veio o meio legal com saudades nunca antes sentidas; quis levar a porca mais para sudoeste sem meias medidas.
4. Não se aceitou a afronta e sugeriu-se renegação. (A POPULAÇÃO)
 Não se esteve com outras medidas e pediu-se intervenção (À GUARDA)
 Não se esteve com medo e fez-se manifestação (COM FORQUILHAS E O QUE HAVIA)
 Não se esteve com paninhos quentes e apelou-se guarnição (VIERAM # DA GNR: CARREGAL, TONDELA E STA COMBA DÃO)
 Não se temeu nada e manteve-se a posição (CRIANÇAS INCLUIDAS)
 Não houve grande pudor e veio a metralha apontada aos circundantes, com pancada aos fregueses (MULHERES E INFANTES)
 E a porca foi carregada do topo da coluna ao topo do camião.
 Mas é agora! Chegou a hora!

27 F7 Bb6 F7 Bb6

nos-sa! A por-ca é nos-sa! É nos-sa! A por-ca é nos-sa! É

C

31 F7 Bb6 F7 Bb6

Dei-xem-se de por-ca-ri-a, dei-xem-se de fe-run-fun-fe-lhos.

35 F7 Bb6 F7 Bb6

Va-mos le-var a por-ca p'rAl-va-re-lhos. (É)

Refrão

39 F7 Bb6 F7 Bb6

nos-sa! A por-ca é nos-sa! É nos-sa! A por-ca é nos-sa! (É)

A Porca É Nossa

Aqui vimos a chegar
E a porca d'alvarelos vimos buscar
Deixem-se de porcaria
Deixem-se de ferunfunfelhos
Vamos levar a porca p'ralvarelos!

É nossa! A porca é nossa!
Quanto tempo já lá vai
Quanto tempo já passou
Desde que a porca de alvarelos
Da prisão de um muro se libertou

É nossa! A porca é nossa!
No largo foi exposta
Onde todos os dias era reverenciada
E por todos era acarinhada

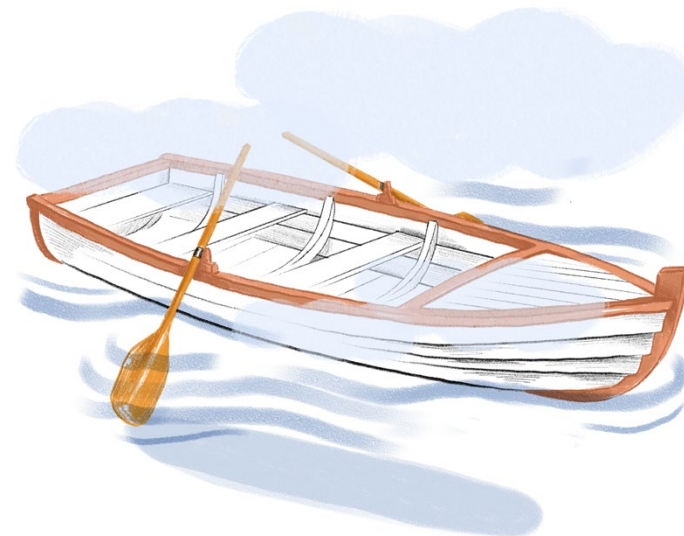
É nossa! A porca é nossa!
Mas depois veio o dono legal
Com saudades nunca antes sentidas
Quis levar a porca mais
para sudoeste
sem meias medidas

É nossa! A porca é nossa!
Não se aceitou a afronta e
sugeriu-se renegação
(A população)

Não se esteve com outras medidas
e pediu-se intervenção
(À guarda)
Não se esteve com medo
e fez-se manifestação
(Com forquilhas e o que havia)
Não se esteve com paninhos
quentes e apelou-se guarnição
(Vieram três da GNR: Carregal,
Tondela e Santa Comba Dão)
Não se temeu nada e
manteve-se a posição
(Crianças incluídas)
Não houve grande pudor e veio
a metralha apontada aos
circundantes,
Com pancada aos fregueses
(Mulheres e infantes)
E a porca foi carregada,
Do topo da coluna ao
topo do camião
Mas é agora! Chegou a hora!

É nossa! A porca é nossa!
Deixem-se de porcaria
Deixem-se de ferunfunfelhos
Vamos levar a porca p'ralvarelos!

É nossa! A porca é nossa!



Adeus ó Sebastião

Letra: Rui Macário e Ana Bento
Música: Ana Bento

Não contamos uma situação porque queremos que pensem bem do Sebastião. Uma coisa que estava ali entre bem e mal. Isso que não sabem nem dizemos, foi o que obrigou Sebastião a partir. Sair. Quase fugir do Carregal.

Desapareceu.

No entanto! Diz-se que ficou aqui, em algum lugar não marcado. Diz-se também que foi numa barca deitado. Mondego abaixo, até ao mar. Diz-se, por vezes, que talvez regresse numa manhã de nevoeiro, montado num cavalo branco. Talvez acompanhado de um cão. Diz-se que se o Sebastião não vier é porque tudo quanto contámos e partilhámos e neste Cancioneiro está... afinal é verdade, verdadinha, com jura à sombra da Porca de Alvarelos. Se ele vier. Algum dia. Então que digam com injúrias: inventámos tudo. Mas enquanto não vem, a Verdade é esta e mais nenhuma!

E portanto, Adeus!

Adeus ó Sebastião

Intro $\text{♩} = 97$

Refrão

3 G- G- G- G-
 -deus ó Se-bas-ti-ão. É ho-ra da des-pe-di-da. A-qui-es-

7 C- C- D7 G-
 -ta-mos to-dos jun-tos. Sa-be-do-res da tu-a vi-da. (A)

11 G- G-

B

13 G- G- G- G-
 Não fi-ca pe-dra com'oteu no-me, mas o teu no-me e-

17 C- C- G- G-
 -co-a no ne-vo-ei-ro e'é lem-

21 D7 D7 G- G-
 -bra-do no vin-te de ja-nei-ro.

25 G- G- G- G-
 E'háquem di-ga e'háquem can-te que fos-te Mon-de-go'a-

Adeus ó Sebastião

29 C- C- G- G-
 -bai-xo com a cor-ren-te e que'um

33 D7 D7 G- G-
 di-a vais che-gar ao ma-ar.

C

37 C- C- G- G-
 Só vai so-brar o can-cio-nei-ro com fa-

41 D7 D7 G- G-
 -ça-nhas que se di-zem tu-as.

45 C- C- G- G-
 Histó-rias con-ta-das no cru-zei-ro à

49 D7 D7 G- G-
 noi-te, à luz da lu-a. A

⊕

53 G- G- G- G-
 deus ó Se-bas-ti-ão. A-deus. A

57 G- G- G- G-
 deus ó Se-bas-ti-ão. A-deus. A

Adeus ó Sebastião

adeus ó Sebastião
é hora da despedida
aqui estamos todos juntos
sabedores da tua vida

não fica pedra, com o teu nome
mas o teu nome
ecoa
no nevoeiro
e é lembrado no vinte de janeiro

e há quem diga, e há quem cante
que foste
mondego abaixo
com a corrente
e que um dia vais chegar ao mar

adeus ó Sebastião
é hora da despedida
aqui estamos todos juntos
sabedores da tua vida

só vai sobrar o cancionero
com façanhas que se dizem tuas
histórias contadas no cruzeiro,
à noite, à luz da lua.

adeus ó Sebastião, adeus
adeus ó Sebastião, adeus

Outra pausa de respiração... que estamos a ficar novos.

A partir deste ponto, o que houve, segundo doutos locais e doutos estrangeiros ao local que as Terras do Carregal são, houve, com o tempo, mão estranha, mas amiga.

Mão que escreveu e adicionou o que Sebastião não pode porque a vida passa e leva a matéria com ela.

Os verbetes finais, são os que os Carregais distintos, um só na alma com que se entregam, fizeram chegar ao nosso tempo.



Da Voz Gravada que é Memória

“Pasme-se e faça-se pasmar. Deixo por dito e mandado que, haja máquina e maquineta. Que com ela e ela, elas, se grave o que se não lembrar. Assim se faça.”

— *Verbete 8º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

A memória sonora das Terras Juntas não se limita ao que se canta: inclui o que se diz, o que se ri, o que se murmura na cozinha ou se grita na Feira. A voz gravada, mesmo sem intenção de ficar, transforma-se em testemunho e património. É o caso de gravações dispersas onde se escutam Janeiras, ladainhas, pregões e discussões domésticas. Em cada uma, há mais do que som: há tempo. E é esse tempo que se congela, como neve gravada num Natal de 1973.

A fonografia popular recolhida em Carregal do Sal revela, sem querer, a sua densidade etnográfica: escutam-se por exemplo as vozes do Sr. Fortunato, com o seu gravador Grundig, apanhando a última versão conhecida da “Moda da Laranja Doce”, uma canção nunca registada nos arquivos de Giacometti ou Lopes-Graça. Mais do que documento, trata-se de um gesto vivo de transmissão, em que a música é simultaneamente presente e promessa. Uma mulher comenta ao fundo: “essa era do meu pai...”. É nesse momento que

se revela o cerne do verbo: a voz gravada devolve a ausência.

A conservação destas vozes — mesmo que envoltas em fritura, risos ou cantos descompassados — é também conservação de relações, identidades, modos de estar e de se lembrar. Não se gravam apenas sons: gravam-se sentimentos e geografias. Um cancionero que não inclua estes registos é um arquivo amputado. Que se escute, pois, como quem recolhe água em tempo de sede. Porque uma voz gravada com verdade é mais perene que um brasão.

...

*

Dos que cantam primeiro, nas Noites Primeiras

*“Pasme-se e faça-se pasmar.
Deixo por dito e mandado que, quem primeiro cante em Janeiro, seja tido por aquele que abrirá o ano e o caminho. Que se toque concertina e se calcem botas grossas. Que se bata à porta sem vergonha e se deseje em, sem vergonha também.
Assim se faça, no que se puder.”*

— *Verbete 9º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

É noite de Janeiras. E começa-se assim.

Sem apresentação, sem programa. Apenas a concertina a soprar no fundo, como quem prepara pulmões para o ano novo.

A concertina é pequena mas manda. Tem som de colina e eco de curral. Quando ela entra, ninguém pergunta por partitura. Sabe-se. Toca-se. Canta-se.

A faixa começa num compasso já velho: 6 por 8 de batida alargada, quase ladeira abaixo. E as vozes? Umas afinadas, outras por afinarem, mas todas com alma de dizer:

“Boa noite, meus senhores / boa noite, minhas senhoras,

vimos cantar as Janeiras / que é costume de outrora.”

E é.

Das serras de Midões ao sopé das Laceiras, cantar as Janeiras era como mudar a toalha da mesa: não se passava ao mês seguinte sem o fazer.

Conta-se que D. Sebastião — ainda antes do nevoeiro — terá mandado que ninguém entrasse em novo ano sem desejar bem ao vizinho. E, como era rei de palavra dita, mas raramente escrita, deixou o costume aos de cá: “Batei à porta. Se for de madeira, melhor. Que dá eco.”

E assim fazem.

As Janeiras são rito de vizinhança, de desaforo e reconciliação. Há aldeias onde não se canta sem levar uma garrafa de jeropiga por entre os casacos. Outras onde se faz lista dos que receberam o grupo com sorriso... e dos que não.

A voz principal, na gravação, é de um homem de idade. Nota-se. As palavras são mastigadas, o fôlego curto, mas canta como se fosse urgente:

“Vimos dar as boas festas / e pedir uma esmola,
se não derem nada / Deus lhes dê uma cegada!”

A concertina responde com três notas agudas. Uma espécie de gargalhada musical. Ninguém se ofende. É este o espírito. Dizer o que se tem a dizer e seguir.

Na região de Carregal do Sal, esta Janeira (que parece simples) tem variantes locais. Em Beijós, troca-se “esmola” por “lembrança”. Em Papízios, é comum que uma das quadras seja improvisada, dirigida à dona da casa:

“Esta casa é tão bonita / parece casa de rei,
mas por dentro não tem nada / nem sequer um pão com grei.”

Os versos são muitos, e muitos deles vieram de boca em boca, como sementes ao vento. O Cancioneiro Popular Português de Michel Giacometti recolheu variações semelhantes em Viseu e Mangualde, mas a cadência de Carregal é outra: mais doce, mais breve, quase xailada.

Segundo o etnomusicólogo Rui Vieira Nery, o ciclo das Janeiras é “o mais enraizado de entre os repertórios performativos populares de inverno” — mas onde outros trazem tambores e gaitas, o Carregal faz-se de concertina e voz de peito.

Mais adiante na faixa, já perto do final, há um instante de ouro: o grupo canta em uníssono a quadra final:

“Já cantámos nesta casa / já nos vamos retirar,
ficei todos com saúde / até ao ano voltar.”

É aí que entra o silêncio. Não por falta de som — ouve-se vento, ouve-se riso — mas por emoção. Uma senhora diz, fora de campo:

“Oh, como o meu pai gostava disto...”

E cala-se.

A concertina solta um último acorde e alguém bate palmas. O ritual está cumprido.

Na tradição oral beirã, as Janeiras têm função social e litúrgica. Anunciam um ciclo, pedem proteção, avaliam o humor da comunidade. Em tempos idos, dizia-se que uma casa que não abrisse à Janeira teria mau ano: “Nem vinho, nem batata, nem criança que nasça”.

Hoje, abre-se mais por ternura do que por temor. E ainda bem.

O que fica da gravação — como tantas que se vão arquivando por aí — é o testemunho de uma prática contínua. Um fio invisível entre o tempo de D. Sebastião e o presente. Uma corda puxada de geração em geração, como a da jangada no Mondego, a que se agarrava o rei menino em nevoeiro.

Se escutares, ainda hoje, em noite fria de janeiro, por entre silvos de eucaliptos e passos de botas no cascalho, a voz de alguém a entoar:

“Boa noite, meus senhores...”

não duvides.

É um ano que começa.

Das Vozes da Cozinha e da Fritura como Ofício

“Pasme-se e faça-se pascar.

Deixo por dito e mandado que, nas Terras que serão Carregal, se levem a sério os ditos de cozinha, pois cada um tem peso de testamento e sabor de memória. Assim se faça, na frigideira ou na palavra.”

— *Verbetes 10º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Há quem diga que a História se escreve em parlamentos e guerras. Outros — os que sabem mais — sabem que a História se fritava. Na cozinha. Com azeite e lume médio, mexendo com colher de pau. Escutando bem os estalidos, para não queimar. É aí que se passam as coisas.

Na gravação em causa (segunda faixa do primeiro arquivo de Drive), começa-se por ouvir um som de fritura. Depois um espirro, abafado. Depois, a colher a bater numa tigela de esmalte. E só então, com calma, a voz da Dona Emília:

“Não ponhas aí a mão, que isso é para as filhoses dos de fora!”

Silêncio de um segundo. Depois risos. Três vozes. Uma mais nova, outra mais rouca, uma terceira quase infantil, a rir como se soubesse que será citada por décadas. E será.

Porque o dito da Dona Emília é ensinamento, aviso, crítica social e amor, tudo num só. É fronteira entre o público e o privado, o oferecido e o reservado. É doutrina de festa.

A cozinha, nas casas do Carregal, é lugar de voz. O fogão é púlpito. Cada frigideira, uma arca de saberes. Ali se tomam decisões, se definem receitas e relações. Ali se divide o que se leva à mesa: “os de casa”, “os da rua”, “os do costume” e os “de fora”.

Naquela noite, diz-se que se preparavam filhoses, coscorões, azevias, rabanadas. Havia jeropiga a repousar na garrafa de litro e meio, com rolha de cortiça seca. O rádio estava ligado (ouve-se ao longe: música ligeira, talvez Quim Barreiros), mas a verdadeira

emissão era a da boca das mulheres.

As receitas eram partilhadas com precisão de calendário lunar:

“Se queres filhós alta, mexe com a mão quente, mas não quente demais!”

“Não batas o ar, senão sai dura!”

“Deixa repousar como repousava o teu avô: em silêncio, e com o casaco posto.”

E depois vinha o julgamento. Não há festa sem palato e sem juízo.

A gravação revela, ao minuto 2:31, o momento em que chega o vizinho Carlos. Cumprimenta com um “Boas festas!” e é recebido com um:

“Olha quem ele é! O que não veio no ano passado!”

E volta-se ao assunto. O que há para fritar, o que há para guardar, o que há para contar.

Em termos etnomusicológicos, os sons da cozinha popular beirã configuram uma linguagem rítmica autónoma: batidas de colher, respingos, passos, tampas que se batem. Tudo orquestrado com o que se canta e se diz. A Dra. Isabel Ventura da Fonoteca de Lisboa já o dizia: “a oralidade gastronómica é mais estruturada que se pensa — tem refrão, verso, ponte e pausa dramática.”

No fundo da gravação, uma das mulheres murmura uma quadra, quase como quem reza:

“Filhós quente cura mágoa,
Se vier do teu quintal;
Mas se a trouxer forasteira,
Dá diarreia sem igual.”

(Transcrição sem censura. A tradição é honesta.)

A cozinha, como o resto da casa, tem hierarquias. A mais velha dirige, a mais nova repete. A filha observa. O homem... não entra. Entra só no fim, para provar. Ou para dar opinião, se for corajoso. Nesta noite, é Carlos que se atreve:

“Estão boas, mas deviam ter mais limão.”

Responde a Dona Emília:

“Então rala tu, que o ralador está aí.”

O riso volta. Está feito. A noite está bem passada.

Nessas gravações de fundo, nessas vozes de fritura, está o que a UNESCO devia declarar património. O som de uma casa em festa. A língua do sal, do açúcar e da fritura. A música do viver.

E como o dito manda:

“Se alguém não gravar, há-de esquecer.
Mas se alguém guardar, há-de ouvir para sempre.”

*

Do que se escuta mesmo sem querer

“Pasme-se e faça-se pasmar.

*Deixo por dito e mandado que, mesmo o que se escute
por engano, seja tido por válido. Que se registre a rádio, o
assobio, o choro, o latido — que tudo diga e tudo conte.*

Assim se faça, se se escutar com atenção.”

— *Verbete 11º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Há quem escute de frente. E há quem escute de lado. E há ainda os que escutam sem dar por isso — com a alma de banda, distraída mas porosa. É a esses que o mundo se revela inteiro.

Nas Terras Juntas, escutar é mais do que ouvir. É participar.

Quando se ouve rádio na cozinha, não se ouve só a rádio: escuta-se o que a locutora não disse. Quando se ouve o sino, escuta-se o tempo. E se, por acaso, o cão ladra a meio da missa, há quem escute sinal — e quem se vá benzer por via das dúvidas.

A faixa de onde parte este verbete é simples: uma gravação ambiente. Não há concerto, nem pregão, nem festa. Há um rádio antigo a tocar, de volume baixo, e há gente que passa. Gente que

comenta. Gente que resmunga.

A música que passa no rádio é de 1983. José Cid, talvez. Ou Jorge Ferreira. Voz arrastada, teclado com eco, e letra sobre comboios e saudade. Mas no primeiro minuto, alguém entra na sala e diz:

“Outra vez essa do comboio... O que é feito do meu irmão, que não voltou?”

Silêncio.

A rádio continua. Mas o verbo ficou.

Escutar é isso: apanhar o que não era para ser dito e dar-lhe casa.

Quem cresceu em Beijós ou Laceiras sabe bem como é: estar a passar pela janela, ouvir uma frase entrecortada e fazer dela uma história inteira. Ouvem-se vidas inteiras pela metade, e completam-se com imaginação. Com empatia. Com vizinhança.

Por isso se diz, em certas tabernas da zona, que a escuta é um ofício.

O Sr. António Resende, barbeiro e cronista oficioso do povoado, dizia que escutava as conversas “como quem ouve missa — com respeito, mas com lápis na mão”. Foi ele quem registou a célebre frase dita por uma viúva de Póvoa, em 1972:

“Não sei se ele me amava, mas quando tossia eu escutava logo.”

Dito assim, parece pouco. Mas é um testamento de amor.

Na gravação que escutamos agora, voltando à faixa, ouve-se ao fundo uma criança a correr. Uma porta a ranger. Uma panela a ser destapada. E, quase em sussurro, uma mulher diz:

“Não digas já que vais... espera pela sopa.”

Esse “espera pela sopa” é um código.

Não é só literal. É um modo de dizer: espera, que isto ainda pode ser melhor. Espera, que ainda há tempo. Espera, que a sopa é quente — e tu estás frio.

As escutas de fundo, aquilo que fica nos cantos da gravação, são o verdadeiro arquivo das gentes. Nem tudo tem de ser alto. Nem tudo tem de ser cantado. Basta ser dito com verdade.

Na tradição oral das Beiras, há registos de “oração escondida” —

murmúrios que se diziam ao ouvido do pão antes de o meter no forno. Invocações a Santa Bárbara, a São Sebastião, ao “Anjo da guarda que vive no lume”.

Muitos desses ditos não chegaram aos livros. Mas chegaram às fitas. Estão lá. Em cassetes que cheiram a mofo e magnetismo antigo. Em MP3 gravados em telemóveis de botão. Em vozes de vizinhos que já partiram.

E quando alguém, como nós agora, escuta essas gravações, faz-se o milagre:

uma vida antiga volta a falar.
uma frase volta a ter ouvinte.
um murmúrio volta a ser ouvido.

Por isso se deixa aqui este verbete:
Escutai. Mesmo o que não era para ser escutado.
Gravai. Mesmo o que parecer ruído.
Guardai. Porque tudo é voz.
E toda a voz é memória.
E toda a memória é de todos.

*

Da Volta do Peixe e de quem o anuncia

“Pasme-se e faça-se pasmar. Deixo por dito e mandado que, nas Terras que serão Carregal, haja sempre volta — e que nela venha peixe. Que se grite bem, mas com alma. Que se saiba a hora pelo cheiro e pela palavra. Assim se faça, com sal, jornal e chamada.”

— Verbetes 12º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum

Antes do hipermercado e da roda do congelado, houve a roda da voz.

Era a volta do peixe.
E ela vinha.

Às quartas. Ou às sextas. Ou “quando a maré deixava”, diziam.

Nas Terras Juntas, essa volta era som antes de ser facto. O pregão ouvia-se primeiro — como sino em véspera de festa — muito antes de o peixe estar à porta. Era assim:

“Óóó Peixeee! Sardinhaaa boa! Carapau fresquinhooo!”

Vinha desde Cabanas até Parada, às vezes com paragem em Laceyras e salto apressado a Beijós. O som precedia o odor. Primeiro o eco. Depois, o rumor. Por fim, o sal.

A gravação que inspira este verbete, vinda da faixa intitulada apenas “Volta_peixe_1986_editado.mp3”, começa com esse grito — desfocado, quase ferido pelo tempo, mas ainda reconhecível. A voz é masculina, firme, arrastada no fim da frase. Como se quisesse ser ouvida por trás de janelas fechadas e portadas caladas.

Segue-se o tilintar do sino da carrinha.
Um sino fino, quase infantil, mas que abria carteiras e apetites.
Depois, escuta-se o rodar do motor a gasóleo.
E então a gente. As pessoas que vêm.

O Sr. Abel da Póvoa, peixeiro de profissão e tenor de vocação, fazia aquela volta desde antes da televisão chegar à freguesia. Sabia quem comia cavala, quem pedia raia para cozer, e quem só queria “duas sardinhas, mas com a espinha grossa”.

O peixe vinha enrolado em jornal.
O jornal vinha com notícias de fora.
Por isso o peixe era duplamente alimento.

Dona Marília, entrevistada em 1999 para um trabalho de recolha oral feito por alunos da EB 2,3 de Oliveira do Conde, dizia:

“Com o peixe vinha o mundo. Eu lia a parte que não tinha gordura.”

Era este o mundo: sal, tinta, conversa e escuta.
Se o peixeiro não aparecia, dizia-se que a costa estava brava.
Se vinha mais tarde, a maré foi curta.
Se vinha calado, havia morto no cais.

Mas quando vinha como na gravação — com voz de canto e promessa — então o povo saía.

De chinelo, de avental, com a moeda na mão.

O pagamento fazia-se à peça. Ou em fiado.
E havia códigos não ditos:

- Uma sardinha partida ao meio: respeito pelo idoso que vive só.
- Um extra de carapau para a rapariga que vai casar.
- Uma faneca mal cheirosa? Vingança por calote antigo.

O peixe, afinal, era meio postal. Meio julgamento. Meio bênção.

E se chovia, punha-se uma lona. Mas o grito vinha na mesma.

Em dias de neve — raros mas memoráveis — dizia-se que o peixe “vinha a fumejar do frio”.

E em dias de verão, com a estrada quente, ele era recebido como milagre:

“Vem aí o mar, meninas! Abre a janela!”

A volta do peixe era mais do que comércio. Era rito.
E como todo o rito, tinha o seu fim.

Quando o Sr. Abel deixou de vir, por cansaço e artrite, não foi o peixe que fez mais falta.

Foi o grito.

Foi o sino.

Foi o aviso.

Foi o saber da hora por quem passa.

Hoje, algumas gravações mantêm esse som — enfraquecido, mas audível.

E nas feiras de sexta, há quem ainda pregue:

“Carapau da nossa costa! Sardinha do Carregal!”

Mesmo que o peixe venha da lota de Aveiro e o pregoeiro de Tondela.

Porque o que importa não é o mar.

É o som do mar a vir ter connosco.

E isso, nos ouvidos certos, ainda acontece.

*

Do Eucalipto de Pinheiro e do que escuta por dentro

“Pasme-se e faça-se pasmar.

Deixo por dito e mandado que, em Terras que serão Carregal, árvore com mais de cem anos seja tratada por Vossa Velhice, com honras de bastião e lugar de memória. Assim se faça, com sombra e respeito.”

— *Verbete 13º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Foi antes da televisão chegar e muito antes da Linha da Beira Alta perder apeadeiros que se começou a contar sobre ele. Não era santo, nem capitão. Era árvore. Mas bastava isso. Chamavam-lhe “O Eucalipto de Pinheiro”, não por ser eucalipto de espécie pinácea, que não é, mas por estar entre os caminhos da freguesia de Papízios e os limites antigos de Currelos, mesmo ali onde o chão deixa de ser lavrado e passa a ser chão de descanso — chão de sombra, chão de dito guardado.

Segundo o que se lê na *Carta Educativa*, esta árvore conta mais de cem anos. Mas há quem diga que são trezentos. E que já ali estava quando passou o primeiro comboio rumo ao Caramulo, com o carro de bois a dar prioridade.

Era imenso. Ainda é.

Mas mais que altura — que se diz ter passado os trinta metros — o que marca é o que guarda.

Porque esta árvore, dizem, escuta.

E guarda o que escuta.

Fala? Raramente. Mas quem nela encostar a testa — se for puro de intenção — poderá ouvir murmúrios antigos, conversas meio apagadas, ditos de filhos deixados à sombra enquanto os pais amanhavam o campo.

D. Sebastião, na sua costumeira forma de deixar tudo “quase dito”, terá porventura escrito (ou mandado dizer a um monge com boa letra):

“Quando não souberem se regresso ou não, perguntem ao Eucalipto.

Ele dirá por folhas."

Papízios ficou então guardião. Porque ali, no centro de terras baixas entre vales de Dão e Mondego, é onde o silêncio reverbera.

Durante a Guerra, escondiam-se cartas nas fendas do tronco.

Durante a Ditadura, dois irmãos que eram comunistas juraram sob o eucalipto.

Durante a seca de 1981, foi debaixo dele que o Padre Joaquim fez a bênção da água.

E ainda hoje, se se for num fim de tarde quente, há sempre alguém que passa e diz:

"Está aí ele, o velho..."

"Se ele falasse..."

"Já viu o que ele viu?"

Mas ele não diz. Ele escuta.

O pinheiro de Currelos, seu irmão em monumentalidade, guarda outra fama. Dizem que, numa trovoada de 1913, foi o único ser vivo em campo aberto que não se inclinou. Todos os outros, árvores ou homens, se prostraram. Ele não.

Diz-se que são primos — o eucalipto e o pinheiro — mas que não se falam. Não por zanga. Por educação.

Porque cada um guarda os seus ditos.

E dizer o dito de outro é quebra de honra.

Na escola de Papízios, a professora Alice mandava os meninos fazerem uma redacção anual sobre o "Gigante da Freguesia". Alguns escreviam contos de fadas. Outros diziam que ele tinha olhos. Um só escreveu:

"O Eucalipto é como o meu avô. Cheira a sabedoria."

E isso bastava.

Em 1999, houve quem quisesse cortá-lo — dizia-se que ameaçava um telhado novo. Mas bastaram três vizinhos com enxada e ternura para o manter. Até o Presidente da Junta assinou um papel a dizer:

"Árvore antiga é documento.

Se a cortam, cortam-nos também."

E ficou.

Hoje, há uma pequena tabuleta (feita em madeira de pinho, em honra do outro) que diz:

"Árvore com mais de 100 anos.

Testemunha.

Guardadora.

Sentinela."

Pode ser que um dia se lhe façam versos. Ou canção. Ou, quem sabe, feriado.

Até lá, o eucalipto de Papízios continua a escutar.

As histórias, os ditos, os beijos trocados às escondidas, as discussões de vizinhança, os gritos de feira e os cânticos de romaria.

Tudo lá dentro. A ferver por dentro da seiva.

E se algum dia voltar o Rei, como se diz, não será à Torre do Tombo que virá buscar provas.

Será ali.

Ao pé da árvore.

Onde tudo foi dito.

E tudo foi ouvido.

*

Do Comboio que Levou o Segredo do Leitão

"Pasme-se e faça-se pascar.

Deixo por dito e mandado que, se um comboio partir levando consigo receita de alimento sagrado, seja esse veículo registado como templo móvel, e que da sua viagem se faça lenda.

Assim se faça, no que se possa recordar."

— Verbete 14º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum

Dizem que há comboios que partem e deixam saudade. Este deixou também fome.

Chamam-lhe, nas terras dos Fiais da Telha, o “comboio do segredo”. Porque um dia, não se sabe bem em que ano — há quem diga 1968, outros juram que foi depois da Expo 98, o que é mais duvidoso — uma carruagem terá partido da estação, levando consigo uma travessa de leitão. Mas não era um leitão qualquer. Era o primeiro, ou o último, conforme se olhe.

O que o fazia diferente não era só o sabor. Era o molho.

Um molho denso, quase castanho, feito com vinagre de maçã, banha clara, alho novo, pimenta da Nogueirinha e um ingrediente que nunca ninguém soube bem.

A receita era oral. Passada de mulher para mulher, sempre com a condição de que só seria dita num domingo de agosto, e apenas entre as 15h e as 15h30, quando o calor abrandava e o cheiro à terra molhada confunde a língua.

Nesse ano, contudo, algo se quebrou.

A Dona Brígida, viúva desde 1957, preparava o prato como sempre. Colocou o leitão no forno de lenha, alinhado com três galhos de salgueiro (que dá menos fumo e mais calor), e ao lado, numa malga vidrada, o tal molho.

O comboio, naquele dia, chegou mais cedo. Uma excursão de forasteiros, vinda de Tondela, pediu para provar “o afamado”. E provaram. E quiseram levar.

Num embrulho de pano, com o molho ainda morno, a malga foi metida na sacola de uma senhora de nome desconhecido. Subiu para o comboio — e o comboio partiu. Última paragem: destino incerto.

Dessa viagem não voltou mais o sabor.

Fez-se nova fornada no domingo seguinte, mas não sabia igual. A Dona Brígida suspirava.

“Faltam-me as palavras...”

Porque era isso. A receita era dita, não escrita.

E ao sair a malga, saiu também a frase.

O molho, dizia-se, só apurava se as palavras certas fossem ditas ao lume.

Desde então, nos Fiais se conta essa história — não como lamento,

mas como profecia.

“Quando o comboio voltar com a malga, regressa o sabor.”

Fez-se festa em torno disso.

O *Festival do Leitão dos Fiais*, iniciado em tempos recentes, é tentativa e celebração.

Reúnem-se cozinheiros, aventais bordados, ensaiam-se novas fórmulas. Há roncas e bombos, há malaguetas e orações. Mas o sabor exacto — esse — ainda não voltou.

Na estação, hoje desativada, ainda há quem deixe flores. Ou restos de pão.

E em dias de nevoeiro, alguém ouve:

“Fumega ao longe...”

E não é nevoeiro, é vapor.

Há um grupo de jovens que criou uma Associação de nome *Os da Travessa Perdida*.

Todos os anos simulam a chegada do comboio, ao cair da tarde, com apitos e encenação. Mas o molho nunca é o mesmo.

E há uma última parte da lenda, pouco dita, mas muito temida:

O comboio que levou a malga terá descarrilado.

Mas, em vez de se destruir, desapareceu.

Sumiu-se para um lugar onde se fazem jantares eternos.

Um purgatório onde se experimentam molhos até que o certo seja servido — e só então o comboio regressa.

Quando voltar, dizem, será pelo ramal antigo. E a travessa virá à cabeça da composição.

O maquinista será mudo.

Mas o cheiro — esse — falará.

*

Das Romarias em Tempo de Secura

“Pasme-se e faça-se pascar.

Deixo por dito e mandado que, quando não chover e a terra estalar, o povo saia em romaria, com ladainha e pés descalços, mesmo que só para se ouvir ao longe um trovão.

Assim se faça, com fê ou com sede.”

— *Verbetes 15º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Houve um tempo em que a chuva não caía.

Nem um pingo. Nem um orvalho. Nem um nevoeiro com vontade. E nesse tempo, quando os ribeiros se fizeram apenas traço de memória, o povo saiu. Saiu em romaria.

A tradição é antiga. Dizem que começou nos Fiais, outros juram que foi em Laceyras, mas todos concordam que não era coisa de bispo — era de povo. Quando o milho encolhia, o feijão roncava seco na vagem, e os cães deixavam de ladrar ao calor, dizia-se:

“Está na hora de tirar o andor.”

E tirava-se.

Romaria em tempo de secura é coisa séria. Não se vai de qualquer maneira.

As regras são mais rígidas que em procissão de promessa paga.

Primeiro: vai-se descalço.

Segundo: leva-se cântaro vazio à cabeça.

Terceiro: canta-se, mas só em tom menor.

A letra, recolhida numa fita magnética de 1982, diz:

*“Valha-nos Santa Bárbara,
Que a trovoada esqueceu,
Valha-nos Santa Clara,
Que o céu se escureceu.”*

O percurso fazia-se entre os campos ressequidos.

Em Papízios, a romaria terminava junto ao Eucalipto Gigante — o mesmo que escuta (cf. Verbetes 13º).

Em Parada, parava-se junto à nora — seca, claro.

Em Cabanas, dava-se a volta ao cruzeiro. Três vezes. Sempre ímpares.

Era, como se diz, uma coreografia de sede.

Dona Palmira, de Oliveira do Conde, dizia sempre:

“Romaria com sede é como dançar com os ossos — mas vai-se.”

E ia. Com véu escuro e almofada no ombro, para pousar o cântaro.

As autoridades eclesiásticas olhavam de soslaio. Mas toleravam. Porque a fê seca é mais firme.

Havia quem se oferecesse para dizer as ladainhas. O senhor Arnaldo, de Beijós, tinha voz de trovão e sabia os nomes todos dos santos.

“Santa Rita das Enxurradas!

São Miguel do Gotejar!

Santo António do Pingarelho!”

E por vezes, apenas por vezes, chovia.

Uma pinga.

Uma nuvem.

Um susto.

E bastava.

Se a chuva vinha, celebrava-se.

Se não vinha, continuava-se.

Certa vez, contam as crónicas (não escritas, mas ditas nos adros), que o povo foi tão longe na romaria da sede que chegou ao Mondego seco. Literalmente seco.

E então, ajoelharam todos. Até os porcos.

D. Sebastião, se é que viu, terá escrito no seu diário sebástico:

“São estes os valentes. Os que caminham por dentro da terra, pedindo céu.”

E não é metáfora.

A romaria de secura é também agrícola: pisa-se o chão com esperança, como quem semeia.

O cântaro vazio é promessa.

O andor sem flores, símbolo.

Hoje, com torneiras e previsões meteorológicas em app, faz-se menos.
Mas de vez em quando, um grupo junta-se. Em agosto. Sem aviso.
E partem.

Não com o santo de madeira. Mas com uma garrafa de barro.
Cantam a meia voz.
Pisam onde já se pisou.
E esperam.

A seca, dizem, não é só do chão.
Também vem da garganta, do ouvido, da alma.

Por isso as romarias não pedem só água.
Pedem palavras.

Pedem música.
Pedem comunidade.

E quando, por fim, se ouve um trovão ao longe, ninguém grita.
Apenas se olha.
E alguém diz:

“Era só isso.
Era só ouvir.”

*

Do Forno Comunitário de Beijós e do Pão que se ouve

“Pasmem-se e façam-se pasmar.

*Deixo por dito e mandado que, onde se acenda um forno de
pedra com lenha antiga e intenção boa, se reúna gente, se
amasse pão e se diga: este é o nosso calor.
Assim se faça, com cinza e silêncio.”*

— *Verbete 16º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

Beijós, terra do meio entre o silêncio e o lume.
Ali, mesmo ao lado da fonte grande, está o forno.

Não é forno de pastelaria, nem de padaria, nem forno de ir ao
Google saber como se liga.
É o forno.
O de todos.

Feito de pedra grossa, com abóbada de tijolo e entrada baixa, obriga
a quem entra a baixar a cabeça — o que é pedagógico.
Pede-se respeito.
O forno é mais velho que muitos.
E ainda assim, mais vivo que todos.

Em tempos idos, havia turnos.
As famílias inscreviam-se numa ardósia.
Quarta à tarde para os de cima. Quinta de manhã para os da ribeira.
Sexta para quem fosse fazer broa.
Sábado era dia de comunhão: juntava-se o que sobrava, cozia-se
para quem não tinha.

Mas o pão...
Ah, o pão.

O pão de Beijós não tem receita escrita.
Tem mãos.
Tem espera.
Tem escuta.

Porque no forno comunitário, não se diz “está pronto”.
O pão avisa.
Pelo cheiro. Pela cor. Pelo som.
Sim, o som.

Dona Beta, que ainda hoje vigia o forno em certos domingos, ensina
os mais pequenos assim:

“Batem no fundo. Se soar a oco, está feito.”

O pão que se ouve.
Literal.

E é mais: o forno também fala.
Dizem que se o fogo “lamber” só do lado esquerdo, é sinal de boa
notícia.

Se for do lado direito, alguma alma partiu.

Se lamber por igual — festa.

O forno serviu de altar em tempos de guerra.
De púlpito em tempos de revolta.
De cama de urgência numa noite de geada.

Serviu — e serve — de memória.
Há quem diga que a cinza acumulada guarda vozes.

Michel Giacometti, que passou por Beijós nos anos 60, levou apenas sons — mas prometeu que voltaria com fita suficiente para gravar o silêncio do forno.

Não voltou.
Mas o silêncio ficou.

Na parede lateral há frases riscadas:

“Quem rouba o pão dos outros morre seco.”
“A lenha é para todos.”
“Ninguém coze sem pedir.”

Em 2005, quis a Junta colocar uma porta metálica.
Foi abaixo em três dias.
“Não se fecha o que é de todos” — dizia um papel colado com cuspe e fê.

Todos os anos, por São Martinho, o forno é aceso à meia-noite.
Dizem que o primeiro pão que se coze é para os mortos.
Parte-se em sete pedaços e deixa-se na soleira da capela.
Se estiver inteiro de manhã, o ano será de fartura.
Se faltar um bocado, diz-se que foi bem levado.

Na última cozedura de 2023, uma menina de 10 anos, Maria Leonor, ajudou a tirar o pão. Disse:

“Cheira a avó.”

E estava certo.
O forno de Beijós guarda cheiros de gerações.
E como os melhores segredos, não se conta.
Coze-se.

*

Dos Caminhos, Rios e Vozes do Carregal do Sal

“Pasme-se e faça-se pasmar. Deixo por dito e mandado que, nas Terras que serão Carregal, se lembrem do que foi e um dia há de voltar. Assim se faça.”

— *Verbete 17º. Chancelaria sine Regno; sine loco; sine datum*

O território que hoje chamamos Carregal do Sal foi-se formando entre ribeiras — do Mondego e do Dão —, entre serras — da Estrela e do Caramulo — e sobre caminhos traçados desde tempos em que o sulco romano rasgava granito e cal de outra língua. Currelos e Oliveira do Conde terão sido já núcleos administrativos antes da nacionalidade, do domínio romano, até que, em 1836, passaram a formar-se no concelho que conhecemos hoje.

Cada estrada que corta estas terras embala uma história. A Estrada Nacional 234, paralela à Linha da Beira Alta, criou fluxos de vocábulos e sal essenciais para a designação “Carregal do Sal”, nome herdado do transporte do sal de Figueira da Foz, trazido por barco rio acima e armazenado em tabuleiros — as “salinas” — que hoje dão nome ao quartel urbano. O sal fez deste lugar nó de trocas, alfândega sem carimbos, vínculo entre a serra e a planície.

Caminhos rurais confluem em ribeiros que correm a pé suave pelas freguesias de Beijós, Cabanas, Papízios, Parada ou Currelos. O regato, diz-se, nunca disse nada alto. Mas tudo disse. Deu nome ao lugar, deu água às azenhas, empurrou moinhos. E ouviu cantorias, pregões, rezas de paixão e conselhos de avô à beira do rego. A água é silêncio corrido — mas nesses córregos, passa a memória.

A criação do concelho em Novembro de 1836 fundiu identidades, mas não apagou o passado anterior de Currelos, Oliveira do Conde e depois Parada (em 1895, após extinção de São João de Areias). A fidalguia — com os Góis, os Soveral, os Sousa Mendes — deixou solares, pelourinhos e raízes. Mas quem fez cantar mesmo esta terra foi o povo, no campo ou junto de fornos e ribeiros, sempre munido de jeropiga e versos soltos.

Quando as romarias corriam em tempo de sede (cf. Verbete 15º), eram percorridos quilómetros de terra seca, com pés descalços, cântaros vazios à cabeça, até às nascentes ou cruces, pedindo água como se pedisse perdão. A fé nas águas era a confiança no amanhã, e essas romarias eram a ressonância daquela história que aqui se ouviu.

A Linha da Beira Alta foi inaugurada em 1882, e a estação de Carregal do Sal tornou-se núcleo de ligação entre este interior elevado e Vilar Formoso ou a planície costeira. Ainda hoje, de 45 cm de altura, as plataformas da estação guardam vozes, apitos, anúncios de partida — e talvez, o eco de uma sardinha que nunca foi esquecida ou do leitão encontrado na bagageira do comboio (cf. Verbete 14º). A ferrovia construiu identidades, mas quem as fixou foi quem viveu e cantou estas estradas de seixos e receitas.

Quando ouvimos o nome Carregal do Sal, recordamos o aroma do pão no forno comunitário de Beijós (cf. Verbete 16º), as vozes dos pregões — peixe, pão, caldo, sítio de memória —, os murmúrios do eucalipto de Papízios (Verbetes 13º), o comboio misterioso, o rito da permissão de entrada em cada casa com Janeiras e o pacto com os mortos ao São Martinho. Tudo é parte integrante deste tecido vivo, tecido entre sal e basalto, entre procissão e convívio, entre silêncio e canto.

Este verbete é assim hino aos caminhos da terra e ao que neles caminha. Ao sal que deu nome e ao pão que sustenta; à água que corre e à fé que move. Portanto, se passares por Beijós, Currelos, Papízios ou Cabanas, ouves a terra a cantar. Não em grandes vozes — é a tal que o passado faz eco, murmúrio contínuo que se estende como ribeira e como linha férrea. A História lá mora, em cada pedra de bordadura vial; a memória do sal, do sangue, da semente e do grito que se ergue sob ramal adormecido. E se fecharmos os olhos, ouvimos: as vozes que são as águas, o sal e o comboio, juntas, em louvor às Terras Juntas.

Pós-fácio

Normalmente diríamos, no início, ao que vimos e, porque é que o fazemos. Ao que quer que se faça e necessite de uma introdução. Por vezes dizemos que é um introito, quando pretendemos ou o rebuscado, ou o extravagante. Ou o corriqueiro. Introito serve todos os anteriores propósitos.

Neste caso, assumimos que a história que se conta é mais longa e melhor lida se apenas se desvendar o fim, no fim.

O CACIONEIRO, este em particular, *CANCIONEIRO dito “dos ditos reais nas Terras juntas*, é o resultado do encontro de mais pessoas que as que poderíamos algum dia imaginar. É o encontrar um mito e fazer dele nosso. Mesmo que não tenha lugar nos lugares onde o fizemos viver.

Durante dois anos, o município de Carregal do Sal, com suas cinco freguesias, foi o espaço desenvolvimento de um projeto que se propunha ouvir — primeiro e durante muito tempo, meses — visitando tudo quanto se pudesse, em todas as ocasiões que o calendário comunitário tivesse já marcado. Fomos a festas (quem não?), participámos em leilões, comemos leitão e jogámos sueca. Jogámos “matrecos”, comprámos em feiras. Reunimos. Formalmente. Informalmente. Levantámos as pedras que escondiam ocorrências benignas, algumas, e outras menos.

Resultou este livro, em partes, mas junto numa impressão maior. Resultou uma orquestra, a Tipic(ò)moderna — Orquestra Unitária para a Diversidade Mutualista das Terras Carregalenses,

com coro personalizado em cada voz, com corpo presente em ensaios, com percussão, cordas, pauzinhos “alexandrinós” e maestrina. Letras e Partituras. Concertos... vários, garantidamente em cada uma dessas freguesias de que se fala.

Fomos bailar no Carnaval. Fomos esfregar mãos observando os presépios, entre jeropiga e braseiro. Cantos de Janeiras. Ainda se mata o porco. Ainda se come o torresmo.

Resultou uma exposição que multiplicámos por cinco, para que todos tivessem a sua. Lá ficaram. Em Oliveira do Conde, Parada, Cabanas de Viriato, Beijós. Em Carregal, ele mesmo, com o Município a par.

O que se fez, fez porque pudemos. Porque nos foi possível. Graças a todos os que surgem nas linhas gráficas que emolduram a contracapa. Com quem, está umas páginas ao lado, na extensa ficha técnica e que peca, se em algo, por defeito.

Gratos. Imensamente. Marcámos já encontro breve para que se não esqueça o Sebastião que quisemos fazer nosso. Aqui.

Adeus e até já,

FICHA TÉCNICA

Coordenação e Co-Direção Artística

Rui Macário Ribeiro

Coordenação Gráfica

Luís Belo

Direção Musical e Artística

Ana Bento

Assistência Direção Musical

Bruno Pinto

Coordenação de Produção

Cri Ferrão

Ilustração

L Filipe dos Santos

Rosário Pinheiro

Apoio à Produção

Joana Gomes Martins

Coordenação da análise/avaliação Patrimonial

Liliana Castilho

Acompanhamento e Consultoria

Denise Grinspum

Criação com a comunidade

*Ana Bento, Bruno Pinto, António
Serginho e Sara Yasmine (música);
Rui Macário Ribeiro e Cristóvão
Cunha (narrativas); ZéTavares
(objetos gráficos)*

Sessões “Boleias”

Sónia Barbosa

Tipic(ó)moderna - Orquestra

Unitária para a Diversidade

Mutualista das Terras

Carregalenses

*Alexandrino Figueiredo, Alzira
“Janeira” Dias, Amélia Costa, Amélia
Figueiras, Anabela Sousa, Bernardo
Sousa, Bruno Pinto, Clara Dias, Cri
Ferrão, Eduardo Silva Rolo, Emília
Borges, Fernanda Brites, Fernanda
Ribeiro, Inês Ribeiro, Joana Daniel,
Laura País, Lourdes Saraiva, Luisa
Amaral, Luisa Silva, Margarida
Duarte, Margarida Ramos, Mariana
Polónio, Miguel Fonseca, Orisia
Silvestre, Ramiro Abrantes, Rita
Velo, Úrsula Pinto*

Título

*Cancioneiro dito “dos ditos
reais nas Terras juntas”*

Edição

*Projecto Património /
Memória Comum — Associação*

Textos

Rui Macário Ribeiro

Transcrições para partituras

Jasmim Pinto

Design Gráfico

Luís Belo / Miolo e Meio, Lda.

ISBN: 978-989-99237-5-1

Depósito Legal: 558003/25

Impressão

Tipografia Beira Alta

1.ª edição. 500 exemplares

Carregal do Sal/Visu, 2025



PRODUÇÃO



PARCEIRO

